

Revista
escrito&descrito
No. 3, Vol. 2, 2025.
Invento o mar
ISSN 3085-9433



REVISTA ESCRITO & DESCRITO

A revista Escrito & Descrito é uma revista independente do Agreste pernambucano que publica artistas visuais e escritores de todo o Brasil. O propósito da revista é publicar artistas independentes, majoritariamente, LGBTQIAPN+, pessoas negras, pardas ou indígenas, pessoas com deficiência, estudantes, e/ou pessoas de baixa renda, principalmente residentes da região Nordeste.

A revista aceita artes visuais inovadoras e poemas curtos que explorem narrativas e filosofias que fazem parte da cultura, cotidiano e composição social brasileira. As publicações são de acesso livre e aberto por meio da plataforma Calaméo e disponibilizadas em drive para os leitores fazerem o download do material em PDF.

A linha editorial da revista é destinada a tornar o espaço artístico-literário mais coletivo e democrático. Priorizando trabalhos que conversem com a atualidade e com a estética da revista voltada à inclusão, à diversidade e ao amor pela arte brasileira/ pernambucana.

Realizador: Matheus Fernando (Mathenovê)

Endereço: Bairro Kennedy, Caruaru, Pernambuco

Idioma: Português

Portal de publicação: Calaméo

Nível de conteúdo: Divulgação

Tipo de suporte físico: On-line

Periodicidade: Trimestral

ISSN (eletrônico): 3085-9433

Site: revistaescritodescrito.com

EXPEDIENTE

Editor-chefe Matheus Fernando (Mathenovê)

Editor adjunto João Luiz (João1301)

Joebson José da Silva

Curadoria Matheus Fernando (Mathenovê)

Conselho Mariana de Lima Silva

Segunda capa Breno Fraga

contatos

E-mail | revistaescritodescrito@gmail.com

(81)99455-9247

@revistaescritodescrito

REVISTA

Editorial No. 3, Vol. 2

ESCRITO
DESCRITO

&

Sumário

12	Rozélia*
32	Fernanda leal***
38	Vitor Miranda***
42	Brenno Fraga**
48	FEM
56	Sereiano
62	Ofélia Frantumare
64	Camila Schuck
68	Duda
70	Nivaldo Carvalho
72	kakai
74	Camila Mamona
75	Jonatha Kaik

76	Judi Olli
78	Noturno
82	Olívia Orlandini
83	Lúcia Centeno
84	Tay Duarte
86	Coletivo Feridæxposta
88	Cottidianices
89	Gabriel de Cordeiro
90	Vitoria Dias
92	Mashiro
94	Ciço .Poeta
96	Amanda Guilherme
98	Sofia Lopes

102	Lunara
103	Lury Morais
104	Paulo Brás
105	Rosana Dias
106	A(mar)
107	Mariá Gouveia
108	José Sabóia,
109	Baraúna
110	Caroll Machado
111	Débora Costa
112	A Douglas Cortinovis
113	Josué Castilho França
114	Igor dos Santos Mota
116	Thiago França Batalha
117	Iteuane Casagrande
118	Clarisse Garrido
119	Cleo Velozo
120	Priscila Trindade de Aguiar

121	Eva
122	Rafael Lima Miranda
123	Katia Paiva
124	Alexandre Moraes
125	Ana Carolina Munck
126	Pétala Lilás
127	Biruta de Vento
128	Bernardo Homem Pinto
129	Maria Rabelo
130	Pedro Vinicius
131	Ka Rossoni
132	Amaxwell Barros
134	Elaine Dauzuk
136	Gabriel Vera Machado
137	Cassiano Figueiredo
138	Adriane do Espírito Santo Rangel

*artista convidada
**artista da segunda capa
*** lançamento de livro

APRESENTAMOS...

Invento o mar

O segundo volume.

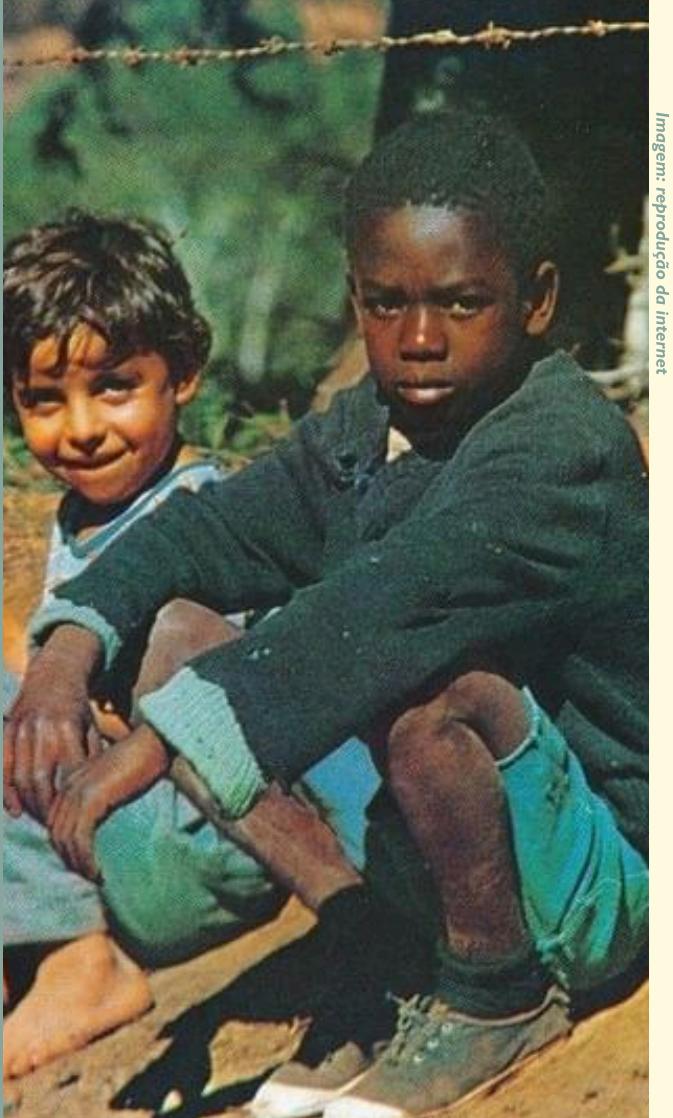


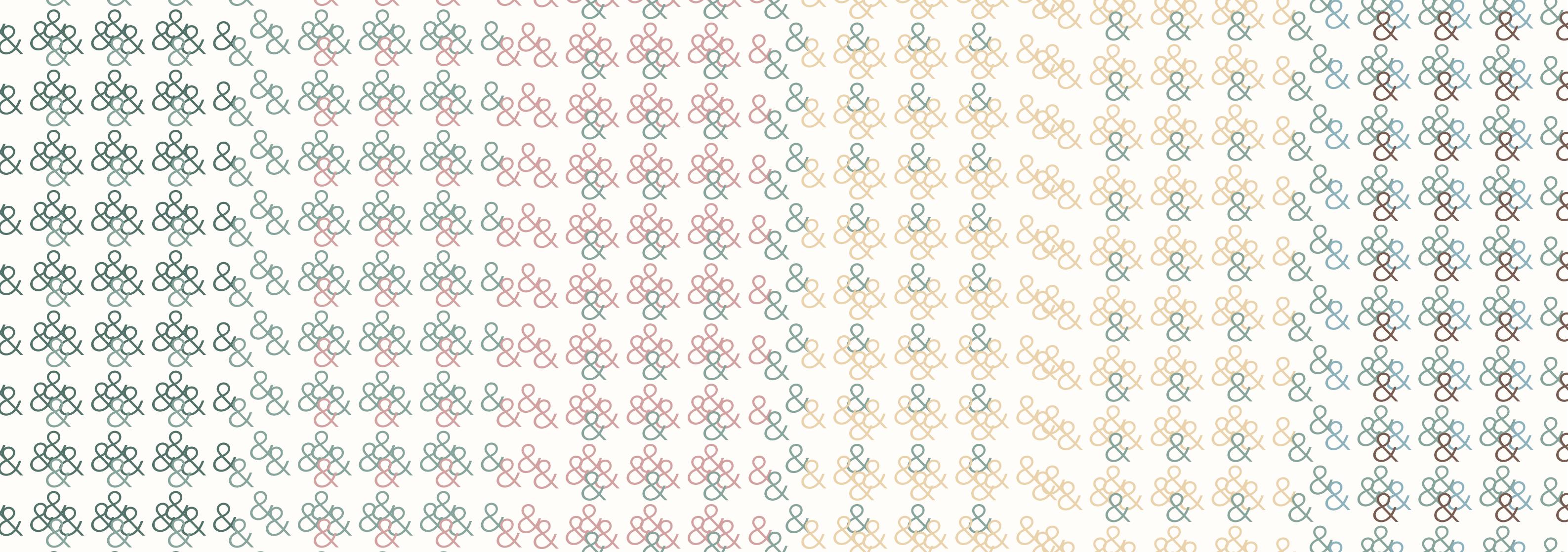
Imagen: reprodução da internet

**“invento o mar em mim”
título deste número foi
inspirado na música *cais*
de Milton Nascimento.
Inventar o mar é a ode
para todos os
sentimentos. inventar
dentro de si é divino e
poético.**

“Para quem quer se soltar
Invento o cais
Invento mais que a solidão me dá
Invento Lua nova a clarear

Invento o amor
E sei a dor de me lançar

Eu queria ser feliz
Invento o mar
Invento em mim o sonhador”



O MAR OCEANO É UMA TEIA: NOTAS ESPARSAS SOBRE O TEMA

ROZÉLIA BEZERRA¹

I PUXANDO O FIO DA TEIA

Antes de começar a mostrar os fios da meada que compõem esta teia, deixem-me explicar a escolha pela teoria da teia. Ela se baseia no mito da deusa Minerva/Atena e de Aracne[2], em sua disputa pela produção do mais belo bordado, usando um fio finíssimo. Aracne bordou o rapto de Europa, “iludida por Júpiter sob a forma de um touro” que a rouba e “então entrou no mar e levou-a a nado para Creta”. A deusa, Minerva/Atena, diante do resultado observado sentiu-se ofendida pela arrogância de Aracne, uma simples mortal. Diante desta situação, Aracne someteu suicídio, por enforcamento, usando um fio preso ao teto. A deusa apiedou-se e, tocando-lhe na cabeça reavivou, em forma de aranha, mas a condenou a viver, sempre, no teto e, se quisesse descer à terra teria que usar um fio que tece do próprio corpo. E, do mesmo modo que Aracne, eu fui tecendo uma teia de leituras sobre o mar. À medida que lia, mais me enredava em percepções e representações sobre o objeto de estudo. Desse modo, me deparei com o estudo de Oceanógrafos, engenheiros de pesca, ecologistas, geólogos, biólogos etc., todos esses profissionais que se dedicam ao estudo sobre o mar, suas águas profundas ou rasas.

Percebi que eles e elas falam de abismos, encostas escarpadas ou lisas, das algas e dos corais, dos habitantes mais misteriosos e diferentes, de peixes, crustáceos, moluscos, cetáceos, polvos, raias, golfinhos, baleias e tubarões, tartarugas marinhas ou de um tubarão-baleia. E de outros moradores que, por ocuparem os abismos mais profundos, chegam a ser desprovidos de visão. Percebi que o mar também é dos sismógrafos que rastreiam e, às vezes, se antecipam aos maremotos e alertam sobre os riscos de tsunamis, devastadores como o da Indonésia ou do Japão.

O mar é dos piratas, das batalhas navais, entre viajantes e salteadores do mar à espreita de navios carregados de riqueza que transitavam pelos sete mares. Estas figuras, quase lendárias, que foram imortalizadas na literatura de Robert Louis Stevenson, no romance de aventura *A Ilha do Tesouro*[3], publicado, pela primeira vez no ano de 1883 e se tornou um clássico da literatura infanto-juvenil. Ou o mar de Jack Sparrow, o pirata estilizado de Hollywood.

O mar foi do marinheiro Simbad que, nas suas sete viagens pelos mares do Oriente, amealhou aventuras e riquezas. Por fim, virou um dos personagens das narrativas da princesa Sherazade, nas *Mil e Uma Noites*, lá pelas bandas da antiquíssima cidade de Bagdá[4].

O mar foi dos marinheiros que pensaram nessa enorme coleção de água como sendo O Mar Tenebroso. Morada de monstros marinhos, do próprio Leviatã, de seres devoradores de homens incautos que se lançavam ao mar e se atreviam passar além do Cabo do Bojador, como disse o poeta português Fernando Pessoa.

O mar da enorme baleia branca Moby Dick[5], cuja morte, provocada pelo capitão Acab, culminou na morte de todos os tripulantes da embarcação, exceto do narrador. Ou o mar de Ernest Hemingway[6], cujo velho pescador perseguiu o sonho de sair para o mar e capturar o maior peixe já visto em todas as praias cubanas. Duas histórias tendo o mar como cenário, cujo enredos são metáforas das lutas humanas, suas derrotas, seus desejos, se unindo aos seus anseios e seus desejos inflexíveis. Seus sonhos frustrados.

Mesmo com tantos transeuntes por essas águas, o mar tem dono?

O mar não tem dono, embora tenha fronteiras políticas criadas, segundo as conveniências governamentais. No passado ele foi objeto de disputa. E essa disputa, histórica, entre povos fez com que se criassem tratados, como o de Tordesilhas. Esses mesmos homens que, no século XVI, saíram da Europa em suas naus e caravelas, cruzaram o Mar Oceano, chegando ao que chamaram de Novo Mundo e com suas botas pisaram nessas terras, desencadeando morte, destruição e saque. Sem esquecer que a Holanda, também, entrou nessa briga pelos direitos do mar. Rixa e disputa contada pelo cantor-poeta mineiro, Milton Nascimento[7] em parceria com Leila Diniz, carioca, atriz de cinema, uma das pioneiras na luta pelos direitos das mulheres.

A letra diz assim

Brigam Espanha e Holanda
pelos direitos do mar
o mar é das gaivotas que sabem voar

Brigam Espanha e Holanda
pelos direitos do mar

Brigam Espanha e Holanda
pelos direitos do mar
porque não sabem que o mar é
de quem o sabe amar

Isto me faz pensar que o mar, assim como os sertões, está em toda parte e está em nós. Se assim não fosse não haveria as metáforas, como "chorou um mar de lágrimas"; ou não teria ido parar na música "sei que há léguas a nos separar, tanto mar, tanto mar" ou, ainda, "Madalena foi pro mar e eu fiquei a ver navios". Mas, além de ser rota e caminho, o mar também é cidadela para mortos. É cemitério de seres humanos que ousaram desafiar suas águas, em seus navios, grandes, imponentes, mas indefesos, ante as ventanias do Deus Eolo, soprando suas rajadas de vento que açoitam a superfície das águas, que se agigantam e que despertam o deus do Mar, Netuno, convidando-o a juntar suas forças e tornar o desastre mais iminente e inevitável.

O mar é um cemitério para fantasias e histórias de amor como a de Jack e Rose, contada no filme *Titanic*. Assim como é cemitério para aqueles que viajam em minúsculos submarinos, para conhecer, exatamente, os destroços do navio-sepultura desse amor. Mesmo se chamando *Titan*, uma das gerações de filhos de Urano e Geia, dentre os quais estava um chamado *Oceano*, o pequeno submarino não aguentou a pressão externa, imposta pela água do mar e sucumbiu, ante sua força colossal. E como se desse continuidade à maldição, acabou sofrendo uma implosão na qual morreram os cinco ocupantes.

Mas este cemitério também pode trazer uma morte esperada e, ainda, ser doce. Segundo o compositor e cantor baiano, Dorival Caymmi, é “Doce morrer no mar, é doce”

Nas ondas verdes do mar meu bem
Ele se foi afogar
Fez sua cama de noivo
No colo de lemanjá
É doce morrer no mar, é doce

E saindo da ficção, vamos para a vida real e ver que o mar serviu de sepultura para o corpo da poeta Alfonsina Storni. Ela que nasceu no mar, ainda no final do século XIX. Em 1939 ela cometeu suicídio nas águas do Mar del Plata, Argentina. É dela o poema intitulado “Dor[8]”, no qual podemos sentir a crônica anunciada dessa morte

Dor

Esta tarde, eu gostaria
De passear pela distante costa do mar;
Pela areia dourada e pelas águas verdes,
E pelos céus puros para me ver passar.

Eu gostaria de ser alta, orgulhosa, perfeita,
Como uma romana, para harmonizar
Com as grandes ondas e os rochedos mortos
E as amplas praias que circundam o mar.

Com passo lento e olhos frios
E boca silenciosa, deixar-me levar;
Ver as aves de rapina devorar
Os peixinhos e não acordar;

Pensar que os frágeis barcos poderiam
Afundar nas águas e não suspirar;
Vê-lo avançar, a garganta exposta,
O homem mais belo; sem querer amar...

Perder o olhar, distraidamente,
Perdê-lo e nunca mais encontrá-lo;

E, figura ereta, entre céu e praia,
Sentir o perene esquecimento do mar.

A morte de Alfonsina foi decidida após ela ter recebido diagnóstico de câncer de mama, seguido de uma cirurgia ineficaz e as dores causadas pelas doença. Esta morte, trágica, da poeta e feminista argentina, foi parar na canção “Alfonsina y el mar” , cantada por Mercedes Soza[9]. Uma de suas estrofes diz assim

Você está indo, Alfonsina
Com sua solidão
Que novos poemas
Você foi procurar?
Uma voz antiga
De vento e sal
Abala sua alma
E a está levando embora
E você está indo para lá
Como se estivesse em sonhos
Adormecida, Alfonsina
Vestida no mar.

Mas a teia que apreendeu o mar, foi se ampliando pois Aracne foi desenrolado o fio, criando outros círculos, constituídos por filigranas que apreenderam inúmeras outras formas de comunicação, entre os seres vivos e isto constitui o que se nomeia de cultura.

Assim convido a seguir essa teia, traçada por mim, e ver como tudo se (des)enreda. E esse (des)enredamento me faz sentir próxima de Fernando Pessoa, em seu poema intitulado A Aranha

A ARANHA do meu destino
Faz teias de eu não pensar.
Não soube o que era em menino,
Sou adulto sem o achar.
É que a teia, de espalhada
Apanhou-me o querer ir...
Sou uma vida baloiçada
Na consciência de existir.
A aranha da minha sorte
Faz teia de muro a muro...
Sou presa do meu suporte.

2 AS MITOLOGIAS, CRENÇAS E O MAR

Para compreender a importância do mar, na vida espiritual do ser humano, escolhi pensar a partir de outra perspectiva. Não recorri às narrativas das religiões monoteístas. Minha escolha foi intencional e ficou com aquelas crenças que são consideradas como paganismo, onde se venera a natureza e se relacionam a práticas muito antigas. Assim como recorri às mitologias de variados povos para falar da presença das águas.

2.1 Mitologia e a Cosmogonia grega

O poeta grego Hesíodo (776 a.C), descreveu a criação do mundo começando pelo Caos, que antecedia todo o ato geracionista e organizador de tudo. Para ele A Teogonia[10], ou seja, a criação da plêiade divina grega, surgiu depois desse caos existente. Porém, no início de tudo estava Geia, a terra, servindo como o sólido sistema de sustento para todos os imortais que habitam o ponto mais alto do Monte Olimpo. Só depois foi que esta deusa gerou o primeiro deus, Urano, representando o céu estrelado. E foi esta criatura surgida de suas entranhas que, em sucessivos atos violentos, a cobriu e gerou outras divindades. Dentre elas, Geia concebeu “Oceano, de profundos redemoinhos”.

A mitologia grega revela, desse modo, que a criação do mundo inicia com o feminino e com violências.

Se sairmos do velho continente europeu e chegarmos ao velho continente habitado pelos povos maias, teremos uma cosmogonia e uma Teogonia assemelhada.

Vejamos o que diziam os mitos sagrados desses povos.

2.2 A cosmogonia e a teogonia no Popol Vuh[11], o livro sagrado dos maias-quiché

O relato desse livro sagrado inicia com a eloquência de diálogo entre Tepeu, o Criador, o Formador e Gucumatz, A-que-Concebe.

Tudo ainda em suspenso,

Ainda silente.

Tudo sereno,

Tudo sossego.

Tudo em silêncio, vazio também o ventre do céu.

3 ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO[12]

3.1 Na terra dos faraós: Egito

Na visão dos egípcios “tudo havia sido criado e ordenado pelos deuses e continuava sob a supervisão deles”. Mas, não havia a crença de que as coisas surgiram do nada, eles acreditavam que havia uma matéria primeira primordial e mesmo existindo, de maneira desuniforme, dera vez à ordenação a um cosmos perfeitamente organizado e conformado segundo os desígnios da força primeva, um demiurgo, não eterna, que era só uma potencialidade e não tinha conhecimento de si mesmo, nem da missão criadora que lhe seria confiada. O caos não era “imaterial: ele era um oceano ilimitado chamado Nun. No seu interior havia um abismo escuro e líquido, onde se encontrava, em estado latente, a substância primeira a partir da qual seria formado o mundo[13]”.

3.2 As terras entre rios ou a Mesopotâmia[14]

Terra antiquíssima que carrega, em sua toponímia, a presença das águas. Já no ano 3000 a.C, os povos que moravam na Mesopotâmia, “haviam chegado a uma noção própria do mundo”. E se na mitologia e Teogonia grega, o Oceano foi gerado depois das divindades primordiais, na Cosmogonia da Mesopotâmia, ocorria o contrário. Isto porque “No início nada havia além do oceano salgado, primordial, ilimitado.” Foi ele quem deu origem ao céu e à terra que estavam vinculados entre si, mas que foram separados por um Deus e, deste modo, “criou este mundo ou universo, que passou a se assentar, imerso, em meio ao oceano primordial.”

4 O POLITEÍSMO AFRICANO: O MAR ESTÁ NO INÍCIO DE TUDO

O panteão divino africano, parece, que foi menos rigoroso e exigente que a divindade das religiões monoteístas. Tanto é assim que o mar foi criado após uma sequência de outros atos criativos do demiurgo. Por outro lado, no Panteísmo africano, o mar, desde o primeiro dia, estava na cosmogonia e na teogonia do continente. Conforme podemos ver, na tradição oral da Nigéria e de outros países da África Ocidental[15], no início, o mar surge “quando não havia nada como conhecemos hoje, havia apenas uma grande extensão de céu e uma enorme extensão de mar. Olorum era o rei do céu e Olocum era a rainha e deusa do mar”. Esta centralidade do mar se exprime na figura religiosa de Iemanjá[16], a mãe de todos os Orixás. Uma deusa de extremo esplendor, que traja um longo vestido azul, traz uma estrela em sua testa e contas que saem de suas mãos.

Nesse ponto, faço uma pergunta: será que essa centralidade e forte presença do mar, nessa cosmogonia, determinou a presença de produtos alimentares na Alimentação dos Orixás? E comem o que, ligado ao mar? A resposta é sim, porque os “Deuses também comem” e a mesma dos Orixás é farta, onde cada uma dessas entidades religiosas têm sua preferência alimentar. Pelas leituras, pude verificar que o mar é uma das fontes fornecedoras de produtos

alimentares que agradam ao paladar dessas divindades, assim como estão nas festas dos terreiros. Como disse o antropólogo Raul Lody “Santo também come”[17] Nas solenidades religiosas os banquetes dos Orixás, sempre, estão presentes e estes são partilhados com os fiéis. Pude verificar que as divindades africanas são mais festivas do que aquelas ligadas às religiões monoteístas que estipulam suas regras de jejum e abstenção de comer. Ao contrário disso, as divindades do panteão de Áfricas, comem de maneira bem diversificada.

Para se ter uma ideia, Raul Lody, listou “Cento e cinquenta Alimentos dos Terreiros.”[18] Uma breve leitura deste texto, mostrou um glossário que inicia na letra A, de Abadó, uma comida feita à base de farinha de Milho e vai a letra Z, de Zoró, uma comida feita com quiabo e camarões ensopados. Nessa longa lista, constam alimentos elaborados com produtos originados do mar, alguns dos quais são do cardápio restrito, segundo a divindade. Um exemplo é o “Baguiri de Nanã”[19] ou o “Camarão de lemanjá”[20], um “prato preparado à base de peixe”.

E se quisermos ampliar essa teia de sabores, das divindades africanas, é só consultar o Guia Culinário dos Orixás do Recife e Olinda, organizado pela labassé Carmen Virgínia Barbosa dos Santos[21]. Nele é possível identificar as comidas votivas que usam produtos alimentares de origem marinha, segundo cada Orixás.

5 MITOLOGIA INDÍGENA BRASILEIRA

5.1 O sopro de tupã

Na mitologia Guarani[22], Tupã, morador da escuridão sem fim, foi a divindade que, primeiramente, criou o céu e as estrelas. Logo abaixo desse espaço, ele criou o reino das águas. Foi delas que Tupã, em um toque de mãos, criou o sol que migrou para o ponto mais alto. E, com sua luz, escaldante queimou a pele de Tupã. Quando veio a noite, a pele queimada de Tupã caiu sobre as águas e originou a terra. E foi dessa terra molhada, desse barro original, que após amaciar o barro maleável, Tupã moldou o ser humano. Depois, soprando em seu nariz, deu-lhe a primeira respiração, o sopro da vida, a alma. À medida que crescia, Tupã percebeu que esse homem não falava. Novamente, um sopro divino na boca, conferiu o dom da fala.

Sempre através de um sopro criador, deu-lhe a sabedoria, a inteligência, o emocional, o poder de discernir entre criar ou destruir, os desejos de se movimentar. Terminada sua obra, Tupã, monta num redemoinho e volta para o vazio, o nada, onde era sua morada.

5.2 Como a noite apareceu?

Outra lenda indígena brasileira narra “Como a noite apareceu[23]”. E como não poderia deixar de ser, a narrativa começa assim: “Antes, no princípio de todas as coisas, não existia a noite... Era dia o tempo todo, sempre dia”. E onde estava a noite? “Era uma sombra estendida no fundo do rio”. Sim, isto ocorreu há um longo tempo atrás, ainda no tempo em que todas as coisas falavam. Nem havia os bichos. Havia os indígenas. E um dia a mulher, filha da Cobra Grande, que morava no fundo do rio, se casou com um indígena de sua etnia. Pois, era, exatamente o pai da mulher, a Cobra Grande, a guardiã do coco de tucumã, na qual a noite ficava presa. E a filha mandou buscar esta semente. Após um incidente causado, pelos transportadores, a noite foi liberada e eles se perderam no caminho de volta à aldeia. Com isto, formou-se o dia e a noite, uma vez que a mulher conseguiu separar a claridade da escuridão. Assim como ela criou as aves, notadamente aquelas que cantavam no raiar do dia, anunciando a aurora rósea. E todas as demais. Como castigo, pela desobediência à proibição de abrir o coco de tucumã, o marido da filha da Cobra Grande, transformou os três homens em macacos, determinando as árvores como sua morada e o medo da noite. Dizem que é por isto que os macacos se recolhem à noitinha e gritam, muito, com medo de se perderem e tudo se perder de novo.

'Stamos em pleno mar...Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?

No século XX, o poeta recifense, Solano Trindade[29], conhecido como “poeta negro”, retomou o “Navio negreiro” como personagem de sua poesia

Lá vem o navio negreiro
Por água brasiliana
Lá vem o navio negreiro
Trazendo carga humana...

E tem outro poeta negro do Recife que, também, fez referência ao navio negreiro. Falo de João Flávio Cordeiro da Silva, conhecido como Miró. No Prefácio da antologia poética Miró até agora[30], está escrito assim

...Depois de uma tristeza
que eu acho que era a
mesma que sentiu meu
bisavô quando foi jogado
acorrentado nas areias
quentes do Porto de
Galinhas d'Angola, vindo
num porão imundo de
um navio negreiro do
continente africano para
cá. Terá sido banzo,
Poeta? É bem capaz.

Rapto negreiro, legitimado e realizado sob os auspícios dos dirigentes do Brasil Colônia. Desde os portugueses e continuado sob o domínio holandês dos tempos de Maurício de Nassau, considerado um governante humanista, porque trouxe, em sua caravana, médicos, pintores, astrônomos etc. A narrativa literária e histórica de Pepetela[31] não deixa dúvidas quanto a isso. “As ordens de Maurício de Nassau, ao despachar barcos de Pernambuco, eram claras, só podiam apanhar verdadeiros escravos de portugueses”. Como se o fato de roubar de ladrão fosse perdoável ou amenizasse o crime hediondo. Crime este que continuou durante o Império de Pedro II. De modos que, o autor angolano, José Eduardo Agualusa, aproveita cenário Imperial para situar o tempo de seu romance “Nação Crioula[32]”, mostra que esta embarcação foi, “muito possivelmente o último navio negreiro da História. Parece-me um duvidoso privilégio este de viajar no último navio negreiro”. O cenário inicial do enredo é Luanda, capital de Angola, de onde as pessoas escravizadas eram vendidas “só para o Brasil”. Isto porque o dono da Nação Crioula acreditava “que a escravatura tem os dias contados na grande pátria de D. Pedro II”.

A (enganosa) Lei Áurea só foi decretada em fins do século XIX, no ano de 1888. Pouco mais de uma década depois, os militares deram um golpe, proclamando a República, exilando o Imperador e sua família. Mas digo que este apresamento e rapto de pessoas negras, desde o continente africano, também ocorreu a partir do reino de Camarões, hoje oficialmente República Federal de Camarões. Entre esses cativos, jogados num porão de navio e o destino, se encontrava o mar, o oceano Atlântico. A narrativa literária desses fatos, está no romance histórico escrito por Léonora Miano[33]. “Sim, o país da água existe. Estende-se desde o litoral até o horizonte...se a seus olhos um rio já é um fenômeno. Oceano não quer dizer nada...”.

Para os moçambicanos, o mar, não era só sofrimento, também era oportunidade de fuga do trabalho, infinito e maltratador, imposto aos africanos escravizados trabalhadores do cais. Quem escreveu sobre este sofrer no contexto de cais-mar, foi a poeta moçambicana, Noémia Sousa[34], no poema Cais

O cais é um gigante

Sugando nossos esforços, violentamente

O cais negro e chisprante

é a nossa vida e nosso inferno.

...

E com um último gesto esfarrapado de esperança
Interrogamos ansiosamente o mar.

...

Mar:

Se tu nos abandonaste nesta hora
quem nos dará, agora,
coragem, mar?

Quem nos emprestará força e esperança
Para continuar?

Ah! Só tu, canção sem fim
dos desesperados,
só tu, voz de nossa alma.

Partindo do pressuposto de Miano, encerro aqui a contação de histórias, ao mesmo tempo em que eu tecia e desfazia a Teia que enreda o Mar Oceano. Quem quiser, pode continuar a partir daqui...

REFÉRENCIAS

- [1] Professora aproveitando a aposentadoria, depois de 34 anos de Docência entre os Departamentos de Medicina Veterinária, de História e no bacharelado de Gastronomia, todos na UFRPE. Leitora do mundo e das letras. Gosta de receber e provocar reflexões sobre as culturas dos diferentes povos que transitam nesse mundão de deuses e deusas, das mais vertentes religiosas e das diferentes gentes e pessoas, independentemente da cor de pele, gênero e outras classificações inventadas pela biologia, medicina, sociologia e antropologia etc.
- [2] BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia. Histórias de Deuses e Heróis*. 6 Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999, p.130, 132.
- [3] STEVENSON, Robert Louis. *A Ilha do Tesouro*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.
- [4] AS MIL E UMA NOITES, v.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p.202-251.
- [5] MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. São Paulo: Martins Claret, 2007.
- [6] HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar*. Rio de Janeiro/RJ: Record, 2013.
- [7] Milton Nascimento; Leila Diniz. Um cafuné na cabeça de malandro, eu quero até de macaco. Música do CD Tamarear, 2014. Quem quiser conhecer a lideza entre Leila e Milton, pode ouvir aqui <https://www.bing.com/videos>. Data de acesso: 29 de agosto de 2025.
- [8] Catalina Arancibia Durán. 10 poemas esenciales de Alfonsina Storni y sus enseñanzas. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/>.
- [9] Billboard Argentina. Tradução livre. De la poesía a la canción: La historia detrás de 'Alfonsina y el Mar' de Mercedes Soza. Disponível em: <https://billboard.ar/>.
- [10] Hesíodo. *Teogonia*. Trabalhos e Dias. São Paulo: Martins Claret, 2010., p.30.
- [11] Popol Vuh. – O esplendor da palavra antiga dos Maias-Quiché de Quauhtlemallan: aurora sangrenta, história e mito – tradução crítica e notas de Josely Viana Baptista. Introdução e nota Adrián Recinos Ávila. Texto Daniel Grieco Pacheco. Ilustrações Francisco França. São Paulo: Ubu, 2019, p. 119.

- [12] COHN, Norman. *Cosmos, Caos e o mundo que virá. As origens das crenças no Apocalipse*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- [13] Idem p. 15,18, 19.
- [14] Idem p. 51, 53
- [15] A criação do universo. Conto lorubá da Nigéria e de outros países da África Ocidental. In: Anna Soler-Pont (Org). *O príncipe medroso e outros contos africanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.93-95.
- [16] No início de 2017, tive a oportunidade de assistir a uma celebração religiosa de iniciação e consagração de duas filhas de Iemanjá. Devo confessar sobre a força dos cantos e danças e da extrema beleza da cerimônia, além da força e beleza da representação da deusa.
- [17] LODY, Raul. *Santo também come*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- [18] Idem p. 59-90.
- [19] Idem p. 67.
- [20] Idem p. 70.
- [21] *Orixás à mesa em Recife e Olinda (2011)* é um livro organizado por Andréa Mendonça e Maria Grazia Cardoso e contou com a coautoria e elaboração de todo o cardápio feito por Carmem Virgínia, labassé do terreiro Ilê Axé Ogbon Obá, nação Nagô. Além de ser a cozinheira do terreiro, por isto o termo “labassé”, dona Carmem é chef e proprietária do restaurante “Altar cozinha Ancestral”, localizado no bairro de Santo Amaro, Recife.
- [22] Mito da criação Guarani. In: CLARO, Regina (Org). *Encontros de história: do arco-íris à lua, do Brasil à África*. São Paulo: Cereja, 2014, p. 4. Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/>.
- [23] Como a Noite apareceu. In: MORAIS, Antonieta Dias de (Org). *Contos e lendas de Índios do Brasil (para crianças)*. 2 Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979, p. 2-9.
- [24] TRONCARELI, Maria Cristina et al. *Livro das águas: índios do Xingu*. São Paulo: Editora Socioambiental, 2002. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/>, p.9.
- [25] MENDONÇA, Maria Helena; ENCARNAÇÃO, Alessandra. “No princípio era o mar”: as marcas d’água no fazer literário. *Revista de Villegagnon*, 2012, p. 56-61. Disponível em: <https://www.redebitm.dphdm.mil.br/>. Data de acesso: 23 de agosto de 2025.
- [26] Idem (p.60).
- [27] REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula e outras obras*. Brasília, DF: Edições Câmara, 2018, p.74.
- [28] Alves, Castro. *Os escravos*. Coleção Clássicos da Literatura. Galex Distribuidora de livros, s.l, 200?
- [29] TRINDADE, Solano. *Poemas Antológicos*. São Paulo: Nova Alexandria, 2007, p. 152. Os negritos são meus.
- [30] MIRÓ. *Miró até agora*. Recife: Cepe, 2016, p.15.
- [31] PEPETELA. *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p.15.
- [32] AGUALUSA, José Eduardo. *Nação Crioula*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011.
- [33] MIANO, Léonora. *A estação das sombras*. Rio de Janeiro: Pallas, 2020, p.228.
- [34] SOUSA, Noémia de. *Sangue Negro*. São Paulo: Kapulana, 2018, p.77-78.



LANÇAMENTO DO LIVRO **A VISTA SÓ SE ABRE NO MAR**

OU AS RESTANTES COISAS
IMPOSSÍVEIS DO TEMPO

"A vista só se abre no mar" é antes de tudo um tempo fora do tempo. Alguma coisa que se foi deixa um espaço vazio, um vazio. É desse espaço-tempo que brota a poesia de Fernanda. Há aqui quase escassez de palavra. Parte-se do vermelho profundo, onde corpos se desfazem... caem... se vão... Das fendas, a necessidade da borda; daí ao imperativo do bordado. Inicia-se pela colheita daquilo que o mar oferta. Costurar a ausência de palavra para aquilo que atravessa o corpo. Bordar os silêncios. Do oco, a tarefa impossível de fazer letra, resgatando o corpo que nem mais há. Mas o vermelho transbordou azul. O mar avança, alaga, contamina. Há de segurar o fôlego, para mergulhar fundo nos azuis. Em cada página que avança, pode-se sentir o gosto da espuma e as marolas de onde vieram. Há, ainda mais, frases construídas com os ventos úmidos em seus azuis, também cheiro de sargão, pedaços de mangue, madeiras, conchas, búzios, areia e pegadas de quem se aventurou na beira. Com fragmentos do mar fazer um corpo, colocar-se em movimento. "A vista só se abre no mar" é isso: as restantes coisas impossíveis do tempo. E elas se movem e fazem mover, como o mar.

“

**há um corpo nascendo
de uma escrita
de um amor
de uma partida

escuta o mar e nada mais**



Fernanda Leal é psicanalista, editora, escritora e artista visual. Formada em psicologia. Mestre (2010) e Doutora (2018) em Família na Sociedade Contemporânea (Ucsal), de onde surgiram seus dois primeiros livros: “O pai: uma função em declínio” (2017) e “A tristeza comum da mãe” (2019); há cerca de 5 anos (2020), iniciou um processo de escrita literária, já há muito latente em germinação. Dessa experiência nasceram alguns livros: “Um nome para o silêncio” (2022), pela editora Cas'a, “esse é o som que escreve” (2023) e “na ponta dos dedos” (2024) pela Amitié Casa Editorial, fundada pela própria escritora. Tem ainda dois contos publicados na Flip-off: “Arranjo” (2022) e “O acumulador de silêncio” (2023). Ao lado da escrita, Fernanda desenvolve um trabalho diário que privilegia os tecidos e bordados e vem fazendo desse encontro entre mar, conchas, tecidos, bordados e palavras sua fonte de vida e arte. “A vista só se abre no mar”, escrita tecida na beira, quase a sentir as águas da maré, é fruto desse encontro entre a palavra e o gesto do bordar fragmentos de mar.

Rafael Salles, **Mar sonoro**, 2025. 15 x 42 cm. Têmpera guache sobre papel.





LANÇAMENTO OS RATOS VÃO PARA O CÉU?

Nestes contos sobre a infância, Vitor toca em pontos que fogem da própria psicanálise. Trabalhado num texto de conceitos poundianos, misturado com a comunicação dinâmica de nossos dias, seu característico humor sarcástico e uma pitada de realismo fantástico, relata uma espécie de distopia neurolinguística.

Mexe em lugares muito perigosos da mente humana. Um bebê na primeira palavra deixa de dizer pai ou mãe, para dizer Google. A deturpação da retina do narrador ganha destaque nesse livro, que é o seu mais radical. Nos faz deixar de achar absurdo a possibilidade de engravidar de um sapo depois de engolirmos tanto sapo na vida. Vitor pega pesado em sua literatura. O livro é absurdamente provocador. Escancara como nós somos assassinos. Depois dos poemas de Exátomos (seu livro anterior) nos mostrar que pioramos, "Os ratos vão para o céu?" vem com a crueldade das crianças. Quem escreveu esse livro de contos foi a sua criança mais revoltada. Acima de tudo, Miranda escreveu um dos livros mais políticos dessa geração ao nos colocar de frente para a tortura de nossas infâncias que um dia chamamos de futuro da nação.

“

**deus não soube o que dizer.
entrou em recesso pra mais de
ano. nem viu o menino morrer**



Vitor Miranda é poeta e escritor paulistano com vivências pelo Paraná e Minas Gerais. Atualmente se divide em São Paulo e Valinhos. “Os ratos vão para o céu?” é seu sétimo título lançado. Entre poemas e contos, e o romance experimental “A moça caminha alada sobre as pedras de Paraty”. É poeta e letrista da Banda da Portaria, projeto que nasceu para musicar os poemas de seu livro “Poemas de amor deixados na portaria” e ganhou vida. É parceiro em letras e canções de artistas como Alice Ruiz, Rubi, Touché, João Sobral, Luz Marina, Zeca Alencar e os porteiros João Mantovani, Binho Siqueira e Arthur Lobo. Também faz parte como letrista do Margaridáridas, projeto de sua parceria com o músico paranaense, Eduardo Touché. Criou em 2019 o videocast de poesia Prosa com Poeta, no qual entrevistou diversos artistas como Alice Ruiz, Maria Vilani, Bob Baqq, Daniel Perroni Ratto, entre outros. É criador e líder do Movimento Neomarginal, grupo artístico vivo que tenta vencer as amarras do mercado artístico misturando artistas de diferentes níveis (sociais) de público nos mesmos eventos.

BRENNO FRAGA**

É artista visual e têxtil pernambucano. Sua prática investiga a delicadeza, a memória e a dissidência a partir dos gestos de um corpo vulnerável. Explora a costura como gesto político e poético, ao criar obras que tensionam as práticas das masculinidades normativas.



- (primeira obra)

Eco, 2023. Óleo sobre tela, 60x40cm

-- (segunda obra)

Agora meu corpo transborda, tenho pressa de ser eterno,
2024. Óleo e acrílica sobre tela, 60x80cm

** artista da segunda capa





--- (terceira obra)
Afluente, 2024. Tapeçaria manual,
70x20cm

"três obras, três estados de deriva. Mar é extensão do corpo. Escuto nele minha própria voz devolvida pelos meus reflexos nas águas. Minha carne se liquefaz a partir do gesto da urgência, de permanecer. A pintura captura um instante em que o corpo deseja escapar de si e fundir-se às correntezas. Afundar. Ao fim, aceito a fluidez como destino e escolha. Deixo de ser margem para me tornar rio e desaguar no mar."

I n v e n t o

a r t e s v i s u a i s

p r i m e i r o a t o





O mar vem até nós através da praia, onde molhamos nossos pés e vislumbramos suas ondas. Esse pedaço de paraíso se tornou rotina quando me mudei para Pernambuco e aqui homenageio três destinos em estudos feitos em loco: Boa Viagem, Gaibu e Itamaracá.



- (todas as obras)

Estudos em Aquarela: Aquarela sobre papel 200gms; Dimensões: 14,8x42cm (arquivos 01 e 02) e 21x30cm (arquivo 03); Data: março de 2025 (01), abril de 2025 (02) e janeiro de 2024 (02)

Carioca formada em Publicidade e Propaganda pela UFRJ, Fem mora em Recife desde 2021. A paixão pelo modo pernambucano de se vivenciar cultura levou Fem a mergulhar em experimentações artísticas e se juntar à coordenação do grupo de desenho de observação Urban Sketchers Recife.

SEREIANO

Antropóloga, Documentarista, Pesquisadora, Multiartista e Produtora Cultural, residente no Rio de Janeiro, atua em múltiplas formas de expressão, como fotografia, vídeo performance, poesia, escrita e rituais.





Ao ativar memórias esquecidas em territórios naturais, marcando encruzilhadas como gestos de resistência e reexistência. Ela propõe reinscrever o paraíso como espaço de memória viva, deslocando a ideia de paraíso perdido para práticas de memória e celebração. Assim, resgata e reinventa paisagens afetivas em tempos de esquecimento.



VENDAVAL DA MORTE, FOTOPERFOMANCE:
Fotografias digitais apresentadas impressas em molduras quadradas de 100x100 cm, expostas de forma horizontal.

OFÉLIA FRANTUMARE

Sou Ofélia e pulso o que há em pela palavra, rasgo-me pelos meus fragmentos pulsantes para captar o instante de tudo o que me vem brutalmente pelo meu corpo através da letra e do sentimento mais íntimo e verossímil. Escrevo por saudade e por recordação, crio algo para me ver sendo e existindo, para não me esquecer.

Cais da Saudade
pintura de aquarela sobre papel.



“ Cais da saudade”, há uma praia que transmite uma paisagem que não se sabe se está entardecendo ou nascendo o sol, pois, representa meu limbo, meu fluxo incessante entre os dias o tempo de modo infinito, uma passagem entre o que não existiu, o que existe e o que se poderá existir, mas há névoa e clima nublado, para simbolizar a melancolia. Há um barco borrado, simbolizando o fluxo atemporal e impermanente do que me acontece. Um cais num oceano de ausências e impermanências, essa pintura representa muitos sentimentos naufragados de meu corpo.

nteceimento
minúsculo plan
e habitamos, mas
mesmo véu misteri
lindo o paradeiro a
ndre!

filh, porém, impelido
pelos estímulos da saudade da pátria,
o pemo por um secreto sentimento de Alexan-
der, que a jornada, nem
o as malas, p-
r-lhe o ouvido
fulminante, que
a estremecer, mortalmente.

de de numado .com desde US\$ jazig cemite dependênci castelos...
ur tem um tur em acampa? uma trilha bonita lem m pel
noites em San ma, duas em as em Petrohue
s, na

A goldfish with a vibrant orange and yellow patterned body is swimming towards the left. It is positioned in the center of the frame, set against a dark, textured background that appears to be the interior of an aquarium. The lighting highlights the fish's scales and fins.

O imprevisível das ondas de Camila Schuck- colagem

eu doce
ntas se
lêve roçar
asa pequena
asas e apinhau
alta madrugada,
ciudad Vieja. O de
queijo gruyère
lícia (US\$ 7).

o imprevisível

conseguiu
17 quilômetros po

de um chega

esta comunidad
cose de Ladja ne
e artística.
Miami.

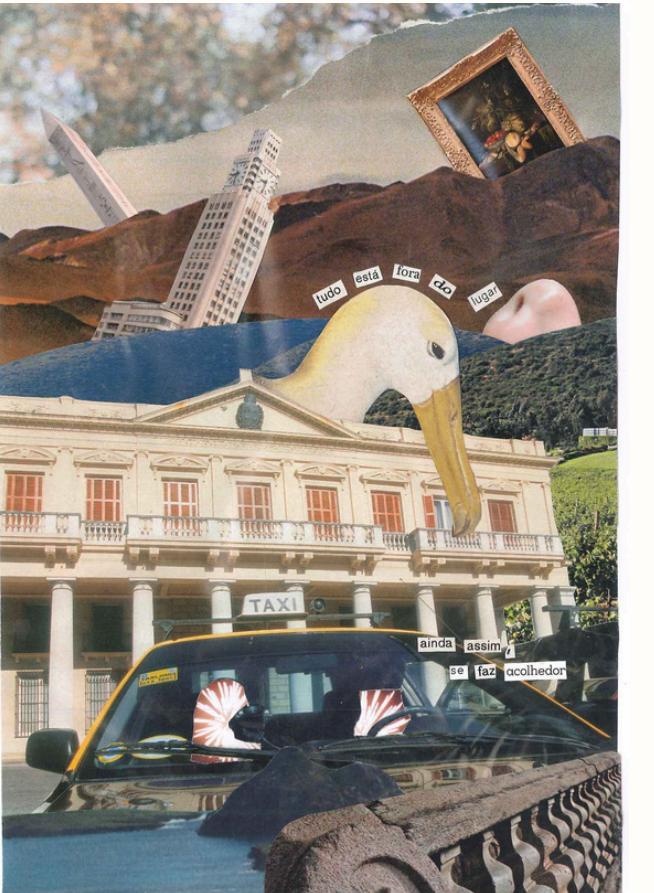
pena

excerto do tradutor. Para Parade, n quanto a vai às com muda com de fogos

inteligentes, os ricos detetadas por Ladjane, que é o aforismo atribuído a Ceos: "A pincelada

CAMILA SCHUCK

Sou Camila, natural de Niterói (RJ) e moradora de Caruaru (PE) já há alguns anos. Sou professora de matemática da rede estadual, mestranda em educação matemática e artista amadora, descobrindo na colagem analógica uma forma incrível de expressão.



“Busquei aproveitar a característica da colagem de possibilitar a criação de imagens que brincam com realidade para expressar o que o mar me transmite: o movimento imprevisível das ondas, a postura reflexiva, a sensibilidade e as emoções à flor da pele.” **Resgata Schuck sobre sua arte.**

Tudo está fora do lugar - colagem analógica
em papel cartão (21 x 29,7 cm - A4)

DUDA



“Colagens inspiradas no patrimônio cultural Carranca. Tão antiga quanto o velho chico e tão forte quanto uma onda branca, ela é quem afasta o azar e faz os pescadores rezar. As obras foram retiradas do projeto editorial “Quem vê cara, não vê coração”, produzido durante a disciplina de Design Editorial na faculdade. “

Maria Eduarda Alves, ou Duda, é artista, amante de cinema e das músicas, pesquisadora ao nível de iniciação científica, amante dos livros e graduanda pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

OBRA 1: Alegria de Pescador.
Colagem, desenho e pintura digital.
Dimensões: 549,5 px (L) X 600,2 px (A)
Data: 2024

OBRA 2: Quem me guia
Colagem, desenho e pintura digital.
Dimensões: 3.508 px (L) X 2.480 px (A)
Data: 2024





NIVALDO CARVALHO

Fotógrafo, pós graduado em Psicologia e realizador audiovisual. Vencedor do Prêmio Pernambucano de Fotografia em 2024, tem fotografias publicadas em revistas e livros, realizou Exposições Individuais além de ter feito a Direção de filmes curta metragens.



“O Mar é mistério, nos atravessa. Dá medo e ao mesmo tempo nos reconecta. As imagens destacam aspectos do humano, sagrado e da imensidão do Mar.”





Afogando
Arte digital
Proporções: 10 x 7,2
2023

“A obra é composta pelo mar, uma rocha e um ser azul. Mesmo fora do mar, ele se afoga, ilhado, com a cabeça descolada do corpo, submersa na água que o cerca e aprisiona. Ele não quer mergulhar na água, mas não pode fugir disso.”

KAKAI

Kakai é artista e designer natural de Porto Velho - RO, cria imagens em um tom melancólico com personagens atônicas. Envolta em uma atmosfera introspectiva a narrativa da obra convida o espectador a refletir sobre sua própria interpretação.

CAMILA MAMONA

Camila Mamona é designer formada pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Nascida em Feira de Santana, interior da Bahia, desenvolve trabalhos que dialogam com a memória, a cultura popular e as narrativas afetivas.

“Essa obra nasceu da minha contemplação do mar de Salvador, especialmente das manhãs claras em que o azul parece não ter fim.”

O Mar, 2025 Pintura digital
Dimensões: 768 x 1024



Ilustração da espécie de água-viva: **Chrysaora fuscescens**.
Imagem em .png de 2000x2000 pixels.

JONATHA KAIK

Meu nome é Jonatha Kaik, tenho 21 anos, sou estudante de biologia e gosto de desenhar animais, plantas e pessoas, a natureza de maneira geral.

“A **Chrysaora fuscescens** é uma água-viva dourada que parece brilhar no escuro. Sua luminescência suave ilumina o mar e encanta quem a vê.”



Meu nome é Judi Olli. Nasci em Bodocó, PE, no sertão nordestino, e cresci na periferia de Cuiabá, capital mato-grossense. Atualmente, resido em Campo Verde, no interior de Mato Grosso. Sou professora e poeta dedicada às experimentações artísticas.

“A obra surgiu a partir de experimentações com a cor azul dialogando com a oposição e confluência entre céu e mar. A figura de Odoyá é central nessa série, ela não anda sobre as águas, ela é a própria água. Ela é todo o azul que há.”

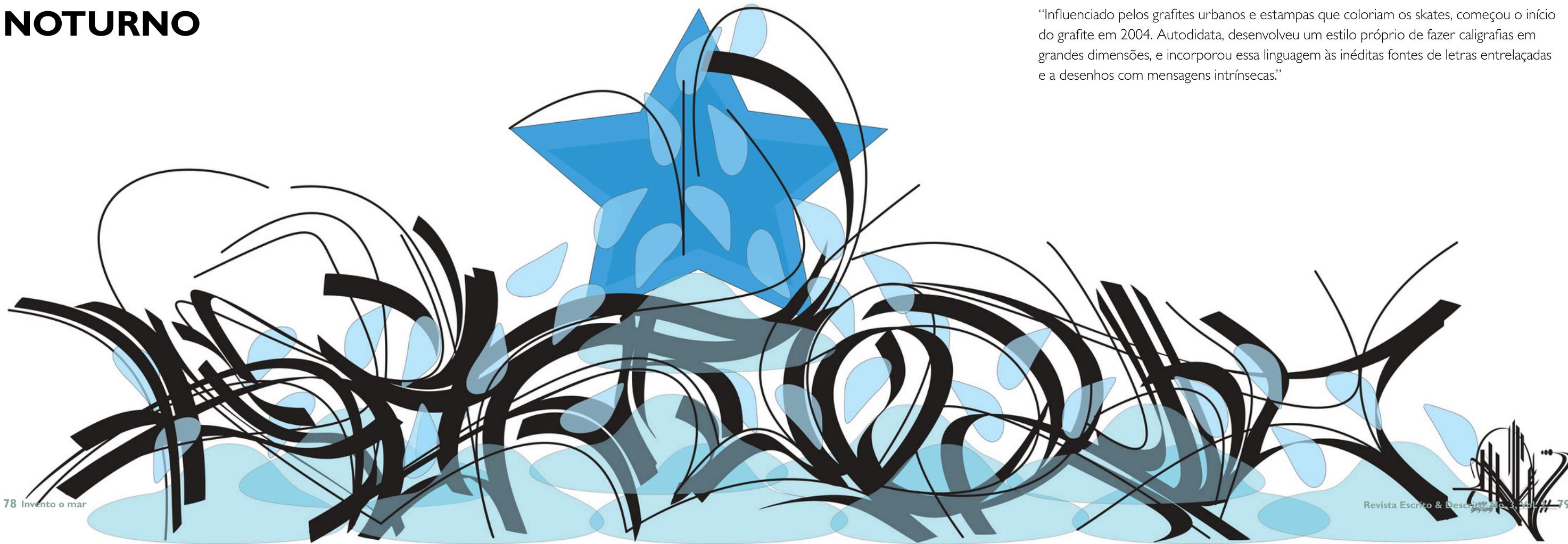
Todo Azul é Imensidão

Dimensões da obra: 21 x 29,7 centímetros

Técnica utilizada: Têmpera e aquarela

Data: 2024

NOTURNO



"Influenciado pelos grafites urbanos e estampas que coloriam os skates, começou o início do grafite em 2004. Autodidata, desenvolveu um estilo próprio de fazer caligrafias em grandes dimensões, e incorporou essa linguagem às inéditas fontes de letras entrelaçadas e a desenhos com mensagens intrínsecas."

Perdido no paraíso.

Um Sol Eu sou Para o seu mar,
ó meu amor, o mar é para o
meu Sol, para eu me pôr
através da beleza e excelência
artística da legibilidade das
letras e do olhar, do criar
artístico das escritas do mar,
em uma junção harmônica para
nos encantar.

(poema autoral de Noturno)



Tipografia Criativa Urbana - IxI feito com spray, látex, tinta oleio.

Tipografia Criativa Urbana - IxI feito com spray, e tinta acrílica.

Tipografia Criativa Urbana - IxI feito com spray, e tinta acrílica.

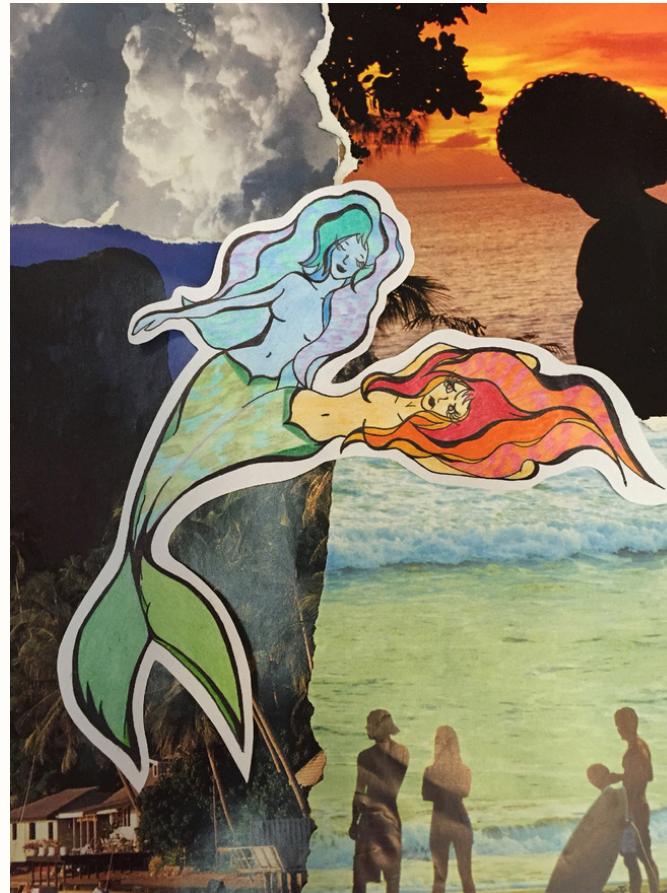
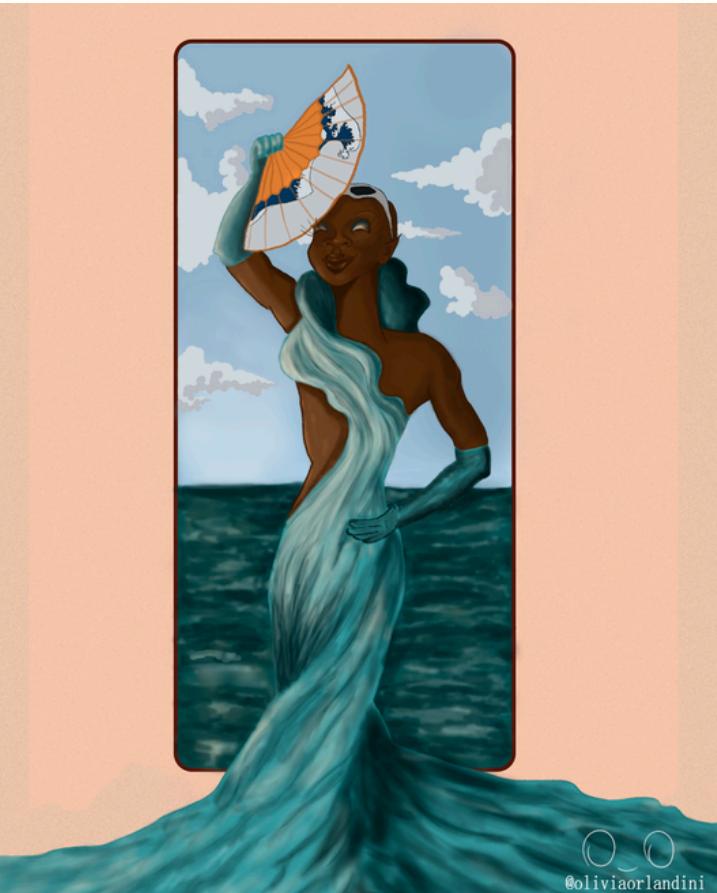
OLÍVIA ORLANDINI

Multartista praticante das artes visuais e audiovisuais, Olívia é estudante de Cinema na UFRB, tendo trabalhado em diversas funções no audiovisual como roteiro, direção, arte, fotografia e, roteiriza e apresenta o programa "A Noite dos Mortos de Amor" na Function FM.

"Sonho de Uma Noite de Vera Verão"

Verão é uma obra inspirada na Vera Verão, Jorge Lafond. Evocando o mar, o verão e o Piscinão de Ramos, trago uma abordagem surrealista e fantástica dessa figura icônica da cultura brasileira. "

Sonho de Uma Noite de Vera Verão
Técnica: pintura digital
Ano: 2024



Ondas de caos, cheias de calma
Técnica: Desenho com lápis de cor sobre papel, com aplicação de colagem
Ano: 2016

LÚCIA CENTENO

Sou jornalista pela ESPM, pós-graduanda em Literatura Brasileira pela UFRGS e escritora por conta própria. Publico um pouco do que faço no meu @megerabovary, conta administrada por algum dos seis gatos que tenho em casa.

"Todas as obras incorporam elementos tridimensionais e/ou imagéticos inspirados no mar - como conchas, sereias, praias, coqueiros, pescadores, naufrágios, entre outros - a fim de explorar sensações e relações humanas."



"Na beira-mar de São Luís, onde o céu se veste de rosa, dourado e lilás, a noite chega de mansinho, trazendo consigo as lembranças de tardes compartilhadas. As ondas escuras refletem não apenas a luz do sol que se despede, mas também o brilho suave da amizade que permanece. Esta pintura é um tributo silencioso àqueles momentos que vivem para sempre nas cores da memória."

Saudade ludovicense
Técnica: Acrílica sobre tela
Dimensões: 15 x 22 cm
Ano: 2025

TAY DUARTE

Artista visual nortista, amapaense, desenha desde a infância e atua profissionalmente há 10 anos. Especializada em retratos realistas, desenvolveu uma linguagem própria que transforma amor em traços.

COLETIVO FERIDÆXPOSTA

Somos um coletivo de artistas em formação, buscando por oportunidades para desenvolver técnicas e habilidades artísticas em conjunto. Nossa conceito é simplesmente expor feridas, sejam elas quais forem.

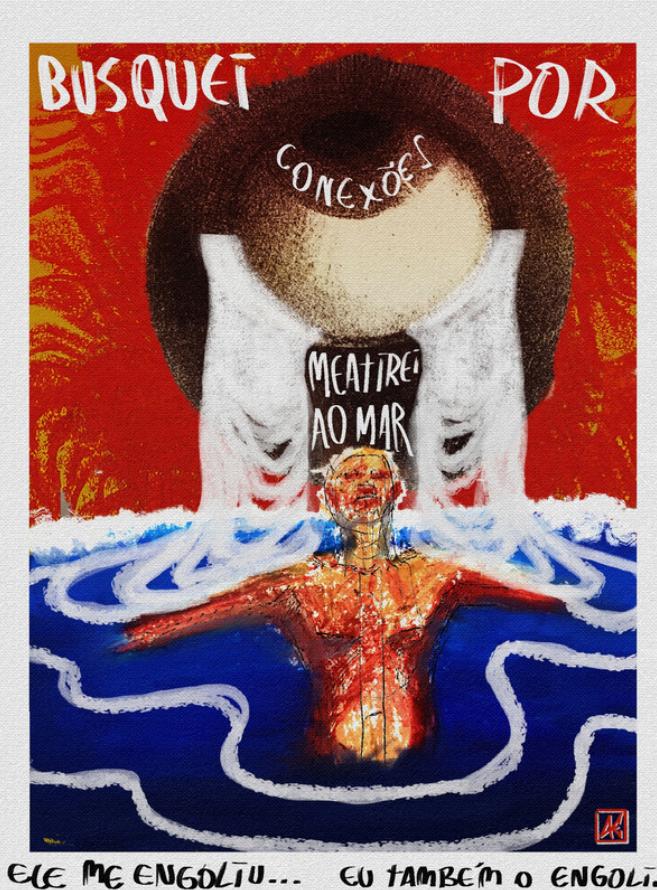


“Mar = entidade relacionadora, pacificadora e abolidora.

Que toma e leva. Ambas as construções retratam o conceito de relação com o todo; com o meio, consigo, com o ser-existir e o ser-possuir; um duelo entre o boiar e o afogar, vida e morte.”

Vínculos
Descrição: Uma garrafa sendo entregue de uma mão para a outra. Mar ao fundo.
Técnica: Mídia mista
Dimensões: 2062x1160

Relações
Descrição: Uma pessoa se entregando ao mar.
Técnica: Mídia Mista
Dimensões: 1500x1999



COTTIDIANICES

Sou artista visual, ilustradora e designer gráfica, com 10 anos de experiência. Minha arte explora cores, formas e movimentos de forma abstrata, inspirada por sentimentos e pela natureza. Atualmente, me dedico integralmente à criação artística, buscando inspirar outras pessoas com obras que conectam e transformam espaços.

"Mar-avilha" é a ideia de um mergulho sensorial nas profundezas inventadas do oceano. Entre formas fluidas e cores vibrantes, há um fundo de mar onde a escuridão dá lugar ao brilho da fantasia — um lugar onde a vida pulsa em luz, cor e movimento. É um convite a sonhar o invisível, a enxergar com os olhos da imaginação o que habita sob as águas."

Mar-avilha, 2024 Pintura Digital 29,7cm x 42cm



GABRIEL DE CORDEIRO

Me chamo Gabriel de Cordeiro, busco criar o que não tem nome — o que não cabe, o que escapa. Uma anticosa, talvez. Ou um excesso de ser. Às vezes, sou escrito pelo que escrevo. Noutras, cor, traço, forma, natureza, objeto, imaginação, memória.

"Essa pintura nasce do encontro entre o real e o imaginado, da minha travessia pela Baía de Guanabara a caminho da Ilha de Paquetá, no Rio de Janeiro. Retrata o mar que vi da barca: abrigo, pergunta, abismo, profundo. Meu olhar diante do mar, em forma de cor e memória."

O mar de espelhos e o sol, 2023. Tinta acrílica fosca sobre papel A3.

"A pintura em questão retrata o mar e minha relação com o mesmo, os seres mágicos do imaginário místico, as sereias, que refletem o feminino e a água."

Sem título. Aquarela sobre papel

90 Invento o mar

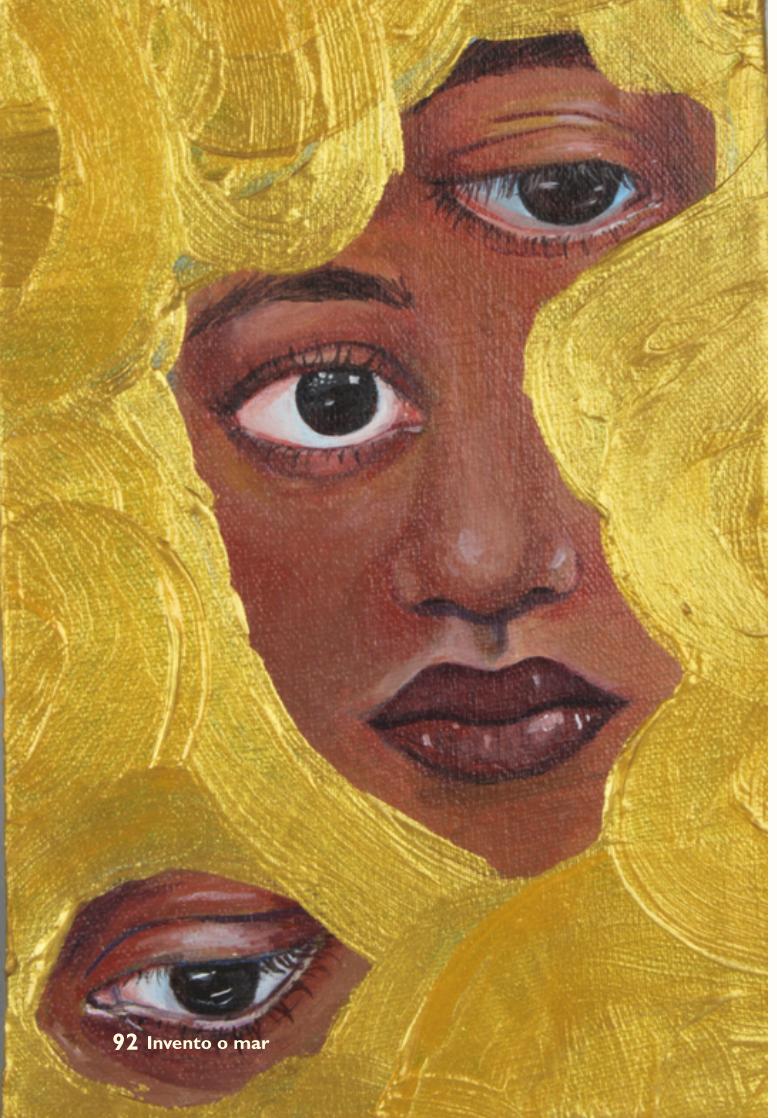


VITORIA DIAS

Me chamo **Vitoria Dias de Freitas** e sou artista Visual, tenho um apego pela pintura. Cresci em uma cidade Litorânea e tenho muito apego com o mar.

Sonho. acrílica sob tecido de algodão.

Revista Escrito & Descrito, No. 3, Vol. 2. 91



“A obra retrata o impacto psicológico da perda de meu pai, evocando memórias submersas em um mar interno e revolto. Fragmentos de rosto emergem entre tons dourados como tentativas de manter a identidade à tona. É um grito silencioso de quem afunda emocionalmente, mas continua presente.”

Mar de emoções, 2024-25
Série: Au crépuscule
Técnica: Acrílico sobre tela
Dimensões: 14x 09 cm
Peça única, 1 de 1
Local atual da obra: São Paulo-SP

Mar de Emoções

As vezes que fui com você ao mar
eram calmas... tranquilas, felizes!
Eu não lembro bem,
mas sei que aconteceram.

Hoje você não está mais aqui... pai.
Eu já não sou mais aquela garotinha.

Você já morreu —
e eu também.
Na verdade, já tem um tempo
que morri por dentro;

Sem ar,
nesse mar revolto,
mar de emoções
e eu em desespero.

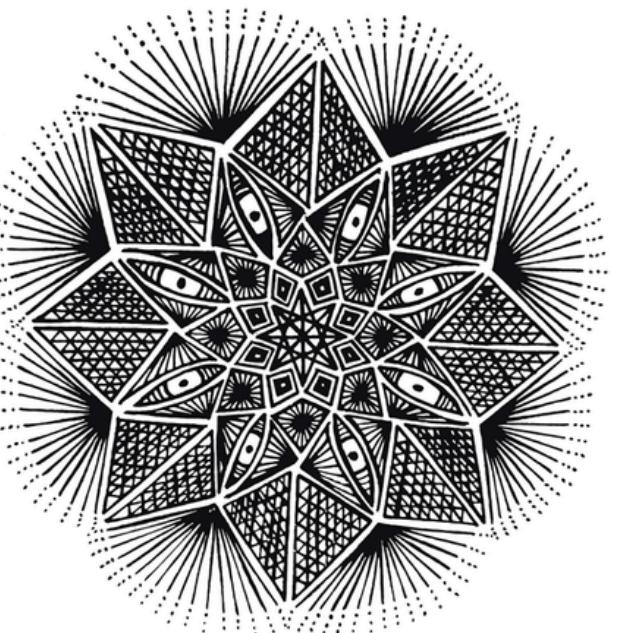
Mas por que ainda estou aqui?
Em pedaços,
enquanto sua morte foi definitiva.
O mar aumentou,
com tanta tristeza,
tantas lutas,
tantos... tantos.
Eu estou afundando,
cada vez mais
e mais...

MASHIRO

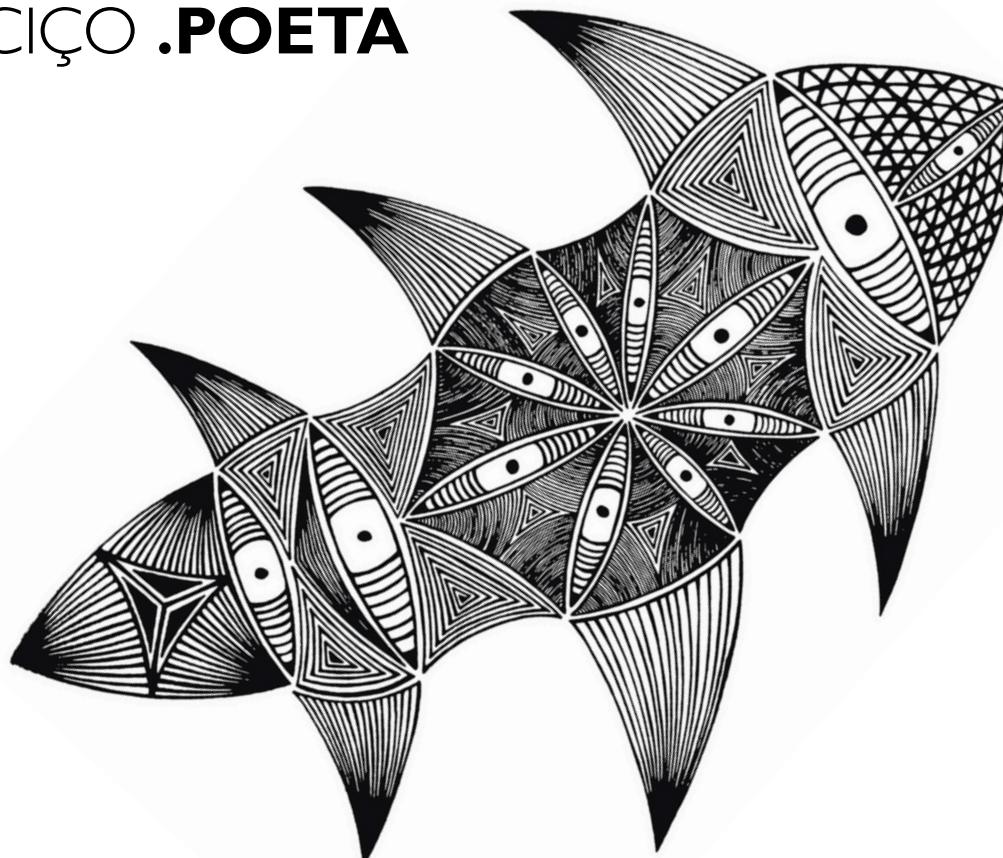
Mashiro nasceu em Belém do Pará, reside e trabalha em São Paulo. É Formada em Filosofia e Especialista em Educação Musical Decolonial, atualmente é graduanda de Artes Visuais: pintura, gravura e escultura na Belas Artes de SP. Sua jornada artística teve início em 2016 como autodidata através de diversas técnicas: aquarela, acrílico, óleo e escultura.



Desenho em nanquim sobre papel canson a3



CIÇO .POETA



Ciço Poeta é um artista multifacetado de Pernambuco, que iniciou na poesia em 2007, expandiu para a música em 2012 como cantor e compositor, e em 2016 começou a explorar as artes visuais com o projeto "O Garatujá". Além disso, ele também trabalha com escultura em madeira e atua como produtor e movimentador cultural, participando ativamente da cena artística local.



Arte digital, Estilo Wick.

"Nebulosa é uma arte digital que reflete meu estilo, conectando o mistério do mar ao do espaço, dois abismos do desconhecido humano."

AMANDA **GUILHERME**

Amanda Guilherme (2004, Recife-PE) é uma multiartista e roteirista que atua na literatura, no audiovisual e na ilustração. Publicou livros sob diversos pseudônimos e teve obras selecionadas em revistas e jornais,

SOFIA LOPES

É escritora, artista e doutoranda em Literatura. Publicou dois livros, além de textos em revistas e antologias brasileiras e internacionais.



Lua Cheia
Técnica: nanquim sobre papel
Dimensões: 1500 x 1500 px
Data: 2022



Enseada das Sereias
Técnica: nanquim sobre papel
Dimensões: 1500 x 1500 px
Data: 2022



Minguante
Técnica: nanquim sobre papel
Dimensões: 1500 x 1500 px
Data: 2022

segundo ato

omar

poemas cortos



Lunara é poeta com diversas participações em Concursos Literários. É formada em Letras pela Unisinos, RS e tem 11 livros editados pelo Selo Quârtica, Editora Litteris, RJ. Escrever é uma grande paixão!

Silêncio

Recolheram-
se,
em silêncio,
os lírios
e os
beija-flores...

Em oração,
o mar
azul

sonhou
corais

lilases...

três vezes azul

o céu azul
floreado de andorinha
despeja um mar de vida

na flor azul
a flor azul

enfeitada de vida
despeja o trançar
de andorinha
no mar azul

o mar azul
espelhado
no céu
despeja
a flor
da vida
no céu
azul

Lury Morais é natural do município de Apodi/RN, Brasil, no ano de 2000. É graduando em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Autor de "Noite Clara" (2024).

O Mar
Insaciável
é a beleza do mar
são como olhos pacíficos:
delicados, porém
turbulentos.
assim como toda beleza
deveria ser
perante o desmesurável
com afagos embriagados de
ressaca.

Tu sabes onde e como me tocar
Ainda que o meu e o teu corpo sejam os únicos instrumentos, cada toque, carícia, mordida, força e
suavidade, são plenamente sentidos.
Mergulho em teu mar azul e te peço para te aprofundares em mim.
Faz de meu corpo o teu instrumento.
Depois das taças de vinho, roupas caídas ao chão.
Uma canção ao fundo.
A fumaça do cigarro pós transa invade o quarto.
Mas é o nosso cheiro que na cama se deita.

Tu sabes onde e como me tocar
Ainda que o meu e o teu corpo sejam os únicos instrumentos, cada toque, carícia, mordida, força e
suavidade, são plenamente sentidos.
Mergulho em teu mar azul e te peço para te aprofundares em mim.
Faz de meu corpo o teu instrumento.
Depois das taças de vinho, roupas caídas ao chão.
Uma canção ao fundo.
A fumaça do cigarro pós transa invade o quarto.
Mas é o nosso cheiro que na cama se deita.

Paulo Brás é poeta e compositor, autor de *Filhos da Vida* e *Outros Poemas* (2021) e *enfim, coisas!* (2025).

Rosana Dias é produtora Cultural, escritora, curadora, professora e cineasta. Mestranda em Cinema pela Universidade Federal de Sergipe. Graduada em Relações Públicas, especialização em Gestão Cultural: Cultura, Desenvolvimento e Mercado.

Majestoso

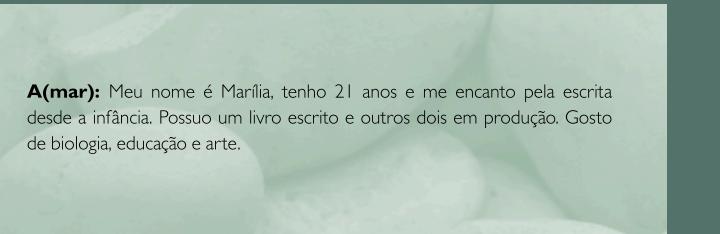
Já havia calos em meus pés
quando sentiram a aspereza
e então caminhei, deixando o frio os abraçar
pegando-os quase que de surpresa.

Permiti que o frio subisse até os joelhos
Ele me acariciava como se me chamassem
Não havia desdém em seu toque
Como se para casa ele me levasse.

Uma mãe que me esperou voltar
Que em sua imensidão quer me envolver
Deixo que o frio suba até meus ombros
Que me acalente e me faça viver.

Em certo momento, movo braços e pernas
Meu olhar submerso, aliviei a audição
Cercada por um infinito que acolhe meu choro
Noto como sou minúscula nessa vastidão.

Assim como astro no céu
Aqui, tornei-me interestelar
Voltei à superfície e vi meu universo:
O frio, vasto e majestoso mar.



A(mar): Meu nome é Marília, tenho 21 anos e me encanto pela escrita desde a infância. Possuo um livro escrito e outros dois em produção. Gosto de biologia, educação e arte.

Quem tem mar...

Mar na alma,
Mar na calma,
Mar no nome,
Mar de amar.
Amar a alma,
Amar a calma,
Amar o nome,
Amar o mar.
Rir da alma,
Rir da calma,
Rir do nome,
Rir do mar.



maresia que está toda nua

maria,
tamanha tristeza de mais um dia sem ti.
tanta tristeza senti que nem sei escrever —
não soube mais como ser com tua ausência.

eu não sentia o cheiro do mar —
teu cheiro me ia sumindo.
a praia atraia a conclusão que eu temia:
maria, nunca mais sonhei com teu perfume.

no meu íntimo, sentia maresias de um cansaço,
de ser carregado pelas correntes frias, não feitas
de aço, mas frias como a água de uma paixão
tão líquida.
maria,
a onda de drama é altíssima.



José Sabóia. 18 anos, é natural de Recife (PE) e atua como poeta e fotógrafo. Hoje, bacharelando em Letras pela UFPE, explora a interseção entre literatura e imagem.

GRANDE MAR INTERIOR

Naquela noite, à beira da estribeira, Quase
não se viu.
À flor da pele,
A fera ferida sorveu no cálice do destino.
À margem do tempo,
Desnuda,
Atravessou o mar vermelho.
Diante do espelho,
Nas águas turvas de Janaína,
Revelaram-se fragmentos de si.
Um rosto sem nome emergiu das profundezas
- Era eu.

AMNI(ÓTICA)

Olhos marejados,
Correnteza inquietante,
Observo bem atento a dança das águas.
Imerso.
Imensa, Amniótica,
O tempo se dissolve sutilmente.
A Kalunga grande não me dissipou,
Sou herança das águas que vieram antes de mim.
Começo, meio e começo.
Kirimurê - Grande mar interior.

O mar e você

MAR tem 3 letras
EU tem 2 letras
Você tem 4

Viu? Não teríamos dado certo,
Fadados, desde o princípio.
Como a matemática não gritou comigo?

MAR é canção,
Bethânia usa dele pra acabar comigo
As letras soam mais forte quando sinto
as 4 letras

Sempre sussurrando em meu ouvido
Um passado tão vivo,
Igual ao mar, que até ditado popular é,
o "MAR menino"

Não sei como desa-MAR as 4 palavras
Ou pedi para que venha a se calar
As 4 palavras sempre prometem ficar
O MAR tem coração?

Algo profundo o suficiente pra te tirar o ar
Nunca estável, sempre te tira a razão e o chão
Sempre apagando o que tenta ficar.

Acho que a única diferença entre vocês 2 é a
quantidade de palavras.
Eu imploro meu MAR.
Deixe ao menos as minhas pegadas.

Caroll Machado: Eu sou aspirante a cineasta, mas poetizar a vida é um prazer que me faz respirar. Estou no mundo do audiovisual há 3 anos e sou apaixonada pelo que faço.

Mar morno

banhei-me no caos
de uma vida mansa
que há muito
não via

provei o sal
doce do fel
de dias passados
sem cuspir

o gosto
do mar de outrora
ainda sinto
mas já não choro
engulo

Débora Costa. natural de Apodi, é acadêmica do curso de Letras, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. A literatura sempre foi uma de suas maiores paixões e, por isso, se arrisca nesse processo de desnudamento da alma.

Quarto minguante

Maré morta
avisa
que é lua de deixar
aquilo que não serve
pra trás

A Douglas Cortinovis é poeta, artista visual e psicóloga. Se interessa em pensar linguagem, escrita e palavras atravessadas pelos saberes das águas.

Mar-íntimos

Lembro de quando
conversávamos
sobre o tamanho do mar
e do quão bonito eram
seus
movimentos
você me perguntou
qual era o maior oceano do
mundo
e te respondi
sou
eu
mas, não tão pacífico assim.

O Rio, o Mar e a Criação

O caboclo ribeirinho marajoara
é como o rio quando encontra o mar:
entra em devaneio.
Navega no delírio da criação,
com um remo na água
e o outro no invisível.

Josué Castilho França É um artista multifacetado, cuja carreira abrange diversas linguagens artísticas, incluindo música, artes visuais, fotografia, poesia, performances e cinema. Natural da comunidade ribeirinha Vila do Cocal, na Ilha do Marajó, Pará, Brasil, ele se destaca por seu diálogo multicultural amazônico, que incorpora elementos experimentais, ancestrais, contemporâneos e futuristas.



do firmamento enxergo
um barco chamado Tapuia e outro
lerê
o coqueiro torto o carro no porto
esperando levar a próxima
leva de saudade que eu
deportei em outra Ilha

a mansidão líquida perene
cio da foz voz do rio
atento ouço mistérios
aquáticos
ao passar das horas
escuto os passos dele
anis a nado as portas
marinhas já abertas peço
licença para o agrado da
travessência

devoro
teus olhos meu assentamento
habito como posso
faço dessa poça
pelágica um minar sem fim
diz água um poço sem fundo
um Mar potável
sou teu açude Tapera
casa dos japuçás saguis sauás
my little Jacu ríci ytu
meu Paraoçu gûasu kûá
nosso Jaguaripe
toca das onças áqueas
eu e você
confluindo bebê
em nosso Cô mbaé



Igor dos Santos Mota nasceu em 2000, no Povoado de Bela Vista, em Cansanção-BA, mas vive em Derby, Inglaterra. É professor, poeta, tradutor e doutorando em artes, humanidades e educação. É autor dos livros "Gravar o Instinto" (com Danielle Tosta), "Meu pescoço cansado de seguir teu rastro" e "Se essa rua fosse minha".



Noturno escarlate

Uma lua vermelha,
um mar sem ondas — sem ar,
um casal centelha.

Thiago França Batalha é aprendiz de escritor: luta com as palavras desde os quinze ou dezesseis anos. Formou-se em Administração pela UEMA(2016 a 2023), e é autor de *Folhas de caos*(2024)[publicação independente].

Ah, o mar!

O mar acalma
Contemplá-lo alegra a alma
As ondas e sua leveza
Provocam sorrisos e afastam a tristeza.
Imensidão a perder de vista
Tão belo, não há quem resista
Caminhar descalço na areia
Cabelos ao vento, te despenteia
O sol ilumina e aquece
A gente olha para o céu e agradece.
O mar traz uma sensação boa
As ondas batem, a felicidade ecoa
Um banho de mar é energizante
Faz corpo e mente seguirem adiante.



Iteuane Casagrande, capixaba, vivendo em Berlim. Formada em pedagogia, participante de antologias com poemas, crônicas, contos e microcontos. Escreve desde a adolescência. Encontra na vida a sua interminável vontade de escrever.

fui ao farol

agora que eu já entendi
o que é atração
me coloco no lugar do navio
que vem em direção à costa
sem velame
sem leme
sem âncora
indo só
ao farol

ela fala de mim
ela fala como se fosse eu
ela fala o que eu queria dizer
mas não sei articular
porque não sei ser
virginia
emily
ana cristina

as linhas do seu suéter
ondas
as linhas da sua pele
espumas
as linhas do seu mapa
linhas
dissolvidas pela água
e não dá mais para saber
o que era seu
o que era meu
o que virou
o que ficará
engarrafado e
fincado para sempre na areia depois da ressaca

Clarisse Garrido é poeta, pesquisadora e professora formada em Literatura Inglesa (UERJ). É mestranda em Escrita Criativa (PUCRS) e oferece oficinas pelo projeto Poeticagens, por onde publicou poemas em dois zines. Está desenvolvendo o seu primeiro livro de poesia.



o mar

No mar habitam mistérios
A vida a se transformar
Beleza no fundo do mar
O mar...o mar... o mar.

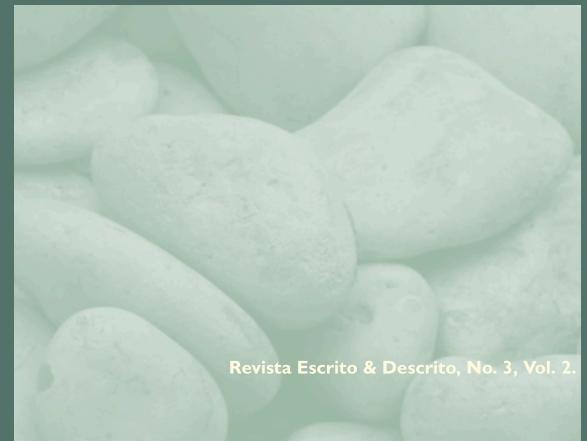
Nas noites de lua cheia
A lua invade o mar
Clareia e reluzeia
O mar virando luar.

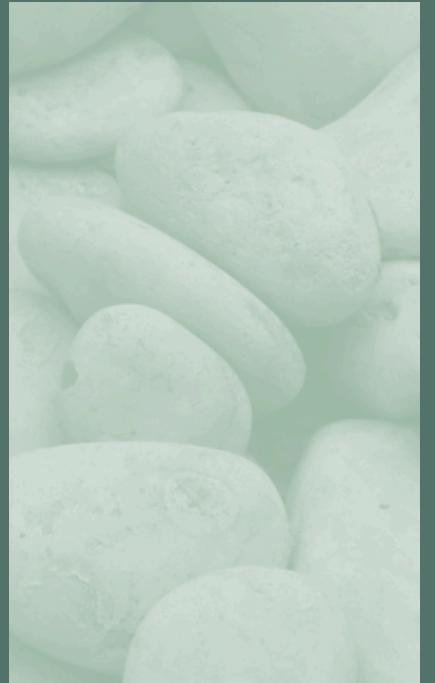
No mar a lua se expande
E tudo nele é luar
O escuro logo se esconde
Deixando a lua encantar.

No mar a sereia canta
Encantos; é tudo no mar
Gaivotas o sobrevoam
Golfinhos nele a bailar.
Tudo que existe na Terra
Tem sua origem no mar.

Cleo Velozo

Nasci em dez de maio de 1942 no sítio dos meus pais em Fazenda Nova, município de Canhotinho-PE. Conseguí estudar Letras e lecionar; ao me aposentar, dediquei-me ao desenho, pintura e à escrita, esta que sempre foi o lugar onde pude me manifestar diante da natureza e da vida.





Ondulações

Pisei os meus pés na areia,
Sabendo te contemplar.
Busquei o sentido do vento,
Presente tão secular.

A água no tornozelo,
Precisa se ambientar.
As ondas circulam tão mansas,
Querendo me conquistar.

Seguindo meu horizonte,
Que vibra o sentido por vir.
Oscilo em marés profundas,
Ensejo ressoa em mim.

Priscila Trindade de Aguiar é terapeuta e enfermeira. Nascida na capital de São Paulo, em 1984. Atualmente trabalha com terapias integrativas e práticas de autoconhecimento. É uma apreciadora da arte e da escrita em sua totalidade.

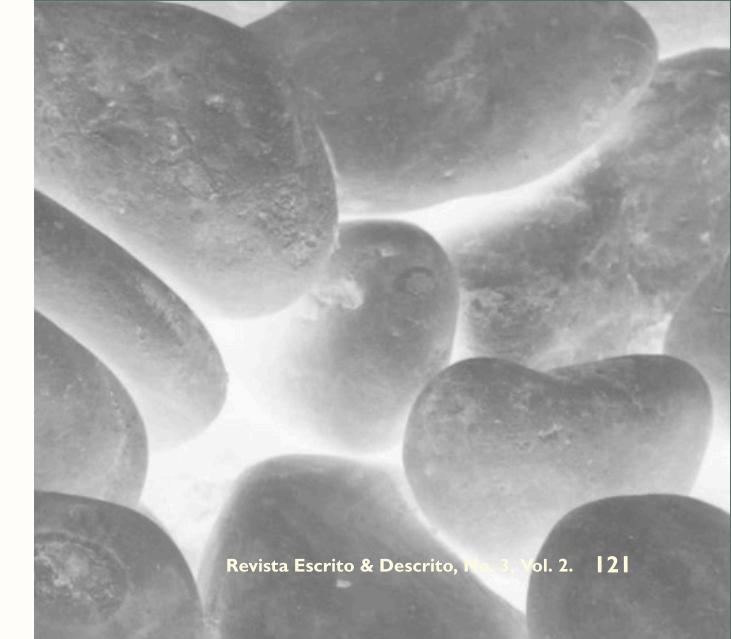
O azul do mar que habita em Benjamim

Nos teus cabelos, ondas
Na tua pele, sol
No teu cheiro, sal
Em tuas águas azuis, sinto-me imortal.

Nos teu olhos, profundezas impossíveis de
alcançar
E às vezes és tempestade tão difícil de acalmar
Teu coração de menino é farol distante,
Guiando-me com luz que não se vê,
Mas que me ilumina em cada passo,
Na busca por te acolher.

E eu, mãe, sou barco à deriva
Aceitando o ir e vir do teu mar, cada onda, cada
mergulho,
É um amar infinito a se renovar.

Sou **Eva**, mãe solo de um jovem artista e de um lindo menino autista, professora, poeta, nordestina, sobrevivente e empoderada.



Surfista

Surfando sobre uma fração de si,
a onda equilibra
sua encaracolada prancha líquida
sobre o infinito marítimo.

Com a inconstância da espuma,
arrebata tudo
nos segundos de estrelato.

Flui o brilho de sua tempestade perecível
em um desfile deslumbrante
até o beijo mortal
aos pés dos grãos de areia.
Morre e é sucedida
legando às elevações descendentes
o desafio de permanecer lembrada.
De fato, não morre:
torna-se gravura
nos corações cativados.

O mar foi caminho

Maresia é como o suor que fica na pele,
Retratos de um dia de sol e praia,
O suor é marca indelével do esforço
De estar ali frente ao mar;
Apesar da semana de desafios.

Maresia é marca do gozo vivido
Em frente ao mar que recarrega energias
Que leva pra longe as que não mais nos são úteis.

Dormentes pelo calor que abrasa,
Sonhamos em atravessar o oceano,
Atracar em terras distantes,
Imaginar nossos ancestrais.

Esse mar que carrega mistérios,
Caminho de parte de nossa origem.
Se não fora ele, estariámos aqui
Como povo que somos?



Katia Paiva

A autora se descobriu poetisa em 2024. Desde então participa de antologias pelo Brasil, sobre os mais diversos temas, com poemas aprovados e publicados. É graduada em Arquivologia e pós-graduada em Biblioteconomia e Direito Homoafetivo e de Gênero. É servidora pública e mora em Brasília com sua família (humana e felina).

Rafael Lima Miranda (07/02/1990) nasceu em Cubatão-SP. Atualmente mora em Guarujá-SP e trabalha como servidor público. É formado em Letras na Unesp de Araraquara. Em 2025 publicou o livro "Idioma", pela Editora Litteralux.

**Alexandre Moraes**

Sou um mineiro de BH que se apaixonou pelo mar e foi morar em João Pessoa. Depois de viver lá 12 anos, numa boa, foi ali buscar pão de queijo e nunca mais voltou.

João Pessoa/PB

I.

o sol nasce antes —
o idoso passa de bike
entre as gaivotas

II.

barro na espuma —
o mar de cor
esmeralda
leva a falésia

III.

barreira de coral —
o turista se afunda
no mar quentinho

O Mar É

O mar entremeia na maré
Com a força que nele tiver
Trazendo tudo o que puder
Em quaisquer ondas que vier
Balanceando todo o meu corpo
Até minha poesia virar ré

Me chamo **Ana Carolina** e escrevo desde nova com a referência de meu falecido avô, o João. Nele me inspiro e deixo a arte do verbo fluir através das minhas pequenas e singelas escritas.



À deriva

Sob o céu
Sobre o mar
Hora flutuante
Hora submersa
A vida vem em ondas.
Não estamos no mesmo barco
Talvez nas mesmas águas.



Pétala Lilás é uma nordestina autista de 28 anos. Entre 2024 e 2025 obteve publicação de oito dos seus poemas, distribuídos entre cinco revistas literárias digitais e uma editora.

Me vi no mar

Não vivi antes devê-lo
e mesmo depois não pude me conter, viver, sem ver.
Ao vivo e a cores
tão vivo quanto nunca imaginei que fosse
Me lembro de como meus olhos brilharam, minha boca
escancarada
feito criança deslumbrada, encantada.
As lágrimas escorrendo enquanto eu ria, sabe-se lá de quê
Era magia, pura magia de uma imensidão que eu não puder
conter

Não vivi antes de tocá-lo
E mesmo depois de tocar, não pude acreditar que era real
Ele me tocou de volta,
eu,
envolta pelas suas ondas abraçada pela mistura de água e sal
Me senti parte de algo maior que se misturava em mim
feito as ondas crescentes, em minha mente
se formavam, uma a uma e se quebravam em meu peito
voltando e crescendo, me levando e trazendo de mim.
Eu sabia, eu era aquele mar.

Eu me encontrei, perdida, mas encontrei
a parte que faltava de mim era eu.
e ela estava ali, bem na quebra da onda.
Cujo meu medo de afogar não me deixava
mergulhar.
Mas ainda assim,
eu me vi,
me vi no mar.

Biruta de Vento

Me chamo **Valéria**, sou mineira e tenho 26 anos. Faço poesias desde que aprendi a escrever; tenho paixão pelas palavras e acredito que elas são ferramentas poderosas que merecem um olhar cuidadoso. Procuro me aventurar pelas outras artes também e desfrutar um pouco de cada uma, afinal a poesia está em tudo.

BRUMA

De uma vulgaridade mundial,
ou melhor,
o som das ondas ao revoltar-se o areal

relutando às ondas, terminam sua frase por um fim
e dizem aos que navegavam, vá-se ao mar.

Retomadas as propostas de um cavaleiro vazio,
dito isso,
um dia conheceremos o rei,
ou o monarca,
o que vos conheceu.

Onde há, alma minha,
um tempo tão seu?

Os olhos tão cristalinos,
as contra-marés, ou
o que dizem os homens
os que nunca à choraram
ó nau navegante?

Diga-me
onde termina meu verso?
E, se posso saber,
como navego-te o ventre?

E, se for real,
o que digo aos corais
ao exato momento o qual torno-me correnteza

Não se nasce sereia, torna-se

Toquei com os seios gelados
Frente areia morna salgada,
Em mim um olhar desdenhado
Assim que me tornava amada.

As pérolas num tom de lima
Descendo pelo meu quadril,
Ser mutante que pesa o clima,
Discriminação em um tom sútil.

Não me permitem ser mulher
Nem com uma cauda de peixe,
Livre se convém a eles ser,
Enquanto suas mãos nos deixem.

E desço fundo desde o início
Ainda que sinta leve dor,
Por entre esses teus desperdícios
Eu já me encontro como flor.

Me chamo **Bernardo Viana Pinto**, sou um ávido leitor de poesia, com um gosto particular pelos poetas americanos e latinos e portugueses. Escrevo poesia desde os meus treze anos e sempre tive um vínculo muito profundo com as artes.

Maria Rabelo nasceu em 2006 no litoral do Piauí, onde desenvolveu seu amor pelo mar e pela arte, começou a escrever ainda na infância. Atualmente, busca expandir o alcance de seu trabalho para tocar pessoas que vivem situações semelhantes às dela.

Cais

Quando a maré se foi em retirada
As ondas levaram tudo que se esvazia
Os pés alcançaram lentamente a praia
E teu rosto de perto, eu sentia
Vi que era seguro estar fora d'água
E que de pé, nós permanecíamos
Com amor, construímos um porto seguro
E as estrelas do céu serviram de guia
Amor nunca falha pra quem ama
Era ele sempre que nos protegia

Pedro Vinícius, escreve sobre o amor e sua potência com sensibilidade. Designer por formação, é pai de dois gatos e apaixonado por música brasileira. Suas histórias exploram sentimentos profundos, conectando leitores a emoções genuínas por meio de narrativas envolventes e marcantes.



Alguma noite morrerei de mar avançado.

Quando vier tanta água me buscar
pensarei que o sonho está
criando um mar iminente
pelo rumor de um molho de chaves.

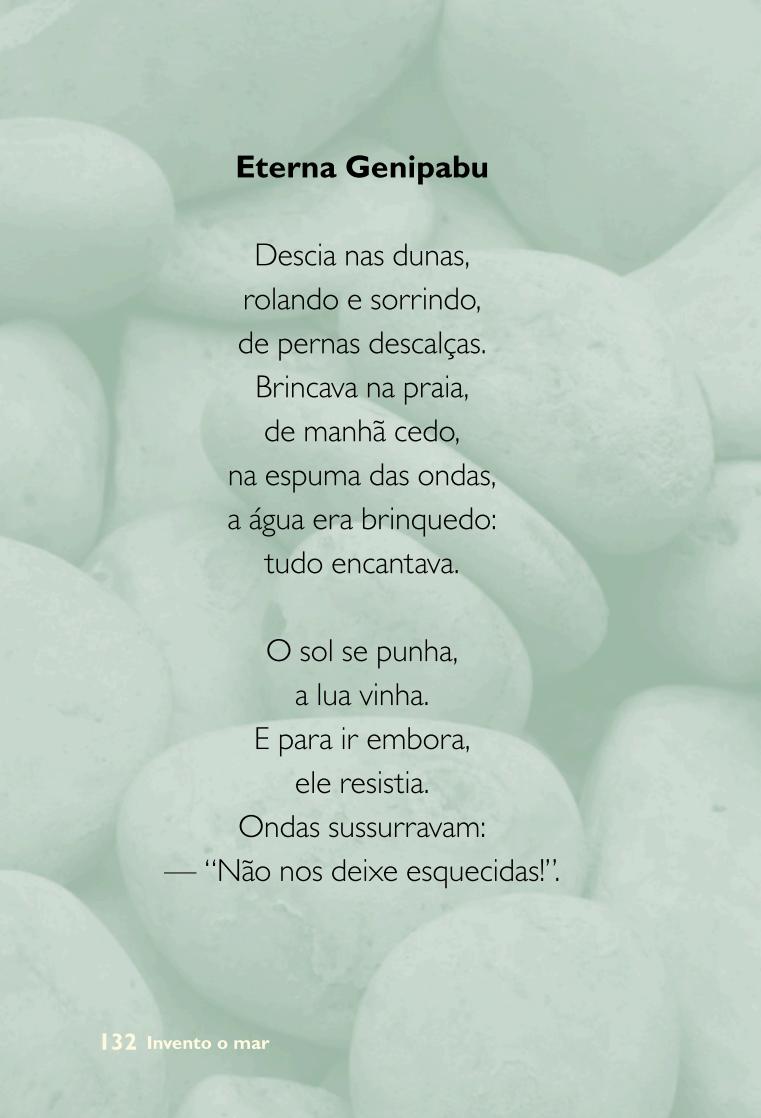
Ou que o sonho embrulha
o equívoco de um inseto na sala.
Pensarei que o sonho mistura
os passos receosos da minha mãe.
Ou que o sonho crê que todo
cochicho sob a vida é vestígio de mar.

Mas este dia estarei morrendo de mar avançado.

Depois de reagir brevemente ao sonho,
abrirei os olhos de frente aos olhos
de um peixe que, na altura do poste,
brilhará em contente indistinção —
como quem nada onde sempre nadou.

Serei tragado, pois não há
corpo maior do que uma fome sem regras.
E haverá enfim verdade extrema na tradução
do arranque salgado de fora;
com o mar desenhado de dentro.
E poderei seguir somente pelo mar avançado
em diante.

Meu nome é **Ka Rossoni**, sou mineiro, crescido em Diadema e amadurecido em Recife. Encontrei minha cidade nas palavras, tenho formação em Letras, 28 anos e sigo discretamente trabalhando na poesia.



Eterna Genipabu

Descia nas dunas,
rolando e sorrindo,
de pernas descalças.
Brincava na praia,
de manhã cedo,
na espuma das ondas,
a água era brinquedo:
tudo encantava.

O sol se punha,
a lua vinha.

E para ir embora,
ele resistia.

Ondas sussurravam:
— “Não nos deixe esquecidas!”.

Voltava para casa,
rugas morenas, espuma d’água na barba,
gotas descendo, do pescoço ao peito.

Areia no olho, vento no corpo,
conchas quebradas, sorriso no rosto,
pegadas caladas, e o êxtase revivendo.

Envelhecendo.

Longe da maré,
a maresia o veste.

O mar não esquece:
ainda está nele,
enquanto dormia,
pois fechando os olhos,
boiando estaria.

A Onda Quero Mar

Olhava para o mar,
distante da hora,
pele cor solar,
– Por que ir embora?

Picolé a beijar,
a vida era agora,
pele gosto de amora,
– Como não amar?

Marrons e cianos,
a vista fazia delirar,
calmos oceanos,
– Estou onde quero mar.



Amaxwell Barros

Potiguar, psicólogo e poeta, publicou e publica poesia livre no Medium e em revistas como Impublicável, in-Cômoda e Revista Figueira. Participou da Antologia PoesiaBR nº 5 (2023) com o poema “alento”. É colunista da Revista Meer, onde escreve ensaios e crônicas.

I-

A mulher tinha um olho de peixe em cada pé,
para enxergar o caminho no fundo das águas.

II-

Toda de branco, a mulher está ali, diante do peixe.
E só para o peixe fica nua.
E só ali, diante do peixe, se entrega.
Diante do peixe, salga a espera de um dia inteirinho por estar ali, diante do peixe.
E o que a faz esperar pela espera? O amor? Ou o próprio peixe?
O peixe, diante da mulher, se vê afogado em lágrimas de conta gotas. Pingos que batem
fundo em suas escamas assadas. Pingos suficientes para revolver o fundo de um mar.
Um mar, que finalmente se apresenta, depois de tanta espera.

III-

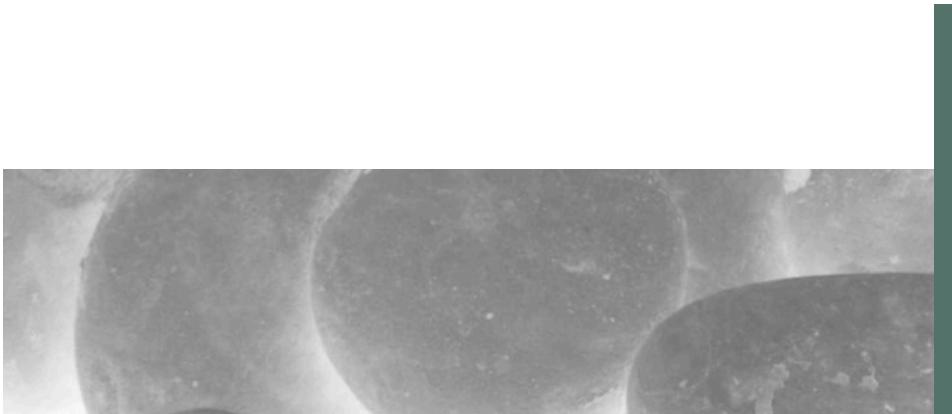
Peixe-barco-oferta, assado de fé, é um oráculo?
Oráculo sem som, sem palavras, feito de sensações.
Assim como o mar, que não traz resposta, mas nos põe na escuta.

IV-

O peixe é a isca para pescar ondas serpenteantes.
O corpo da mulher é a vara que pesca o mar e traz à tona, o bailar das sereias.
Inaê baila as ondas ecoadas em conchas que se espalham na beira do chão de terra batida.
E eis que Inaê aparece...

V-

Quiseram domar a mulher, mas não era cavalo-marinho, para tal?
Pássaro de longas asas, às vezes morcego dos mares, em noites sem luar.
Arraia que voava pela superfície e pelas areias entre corais.



Narradora de histórias desde 2010. Pesquisou, sob orientação da professora Doutora Nancy Casagrande, a motivação pela leitura por meio da narração de histórias, pelo PIBIC-CEPE. Trabalhou como artista hospitalar, pela Associação Arte Despertar, narrando histórias em hospitais públicos, para crianças e adultos.

Gabriel Vera Machado

I.

Meu precioso manto de águas azuis, sou eu que existo sob teu sal sagrado? ou de mim só deixas passar a sombra?
É teu movimento que afoga meu ar em borboletas? ou é teu silêncio que me obriga a explodir em balbúrdia?
Meu suntuoso pesadelo noturno, me diz o porquê de tanto desejo?
A ti temo como temo a vida, em ti descanso como irei na morte; em ti sonambulo delicado, existo mergulhado.
Sou teu como sou do ventre de minha mãe, das barbatanas salgadas do primeiro peixe que pesquei, da memória doída do meu primeiro afogamento.
Sou teu como os vermes são do alimento, escapando de ser um manequim;
Sou teu como sou da solidão que mora em mim.

II.

O meu mar é palco de tristezas e palco de novelas; é palco de festas, é especial; É meu amigo do peito e meu inimigo mortal; é paixão avassaladora e amor maternal.
Hoje, nasci bem pertinho, e não consegui te esquecer;
Amanhã, se eu nascer longe, sentirei desespero em não te ver.
Não me preocupo, no entanto, não tenho medo de te perder.
Não há televisão nem rádio nem jornal que me mostrem tanto de ti quanto um copo cativo de água e sal.
Antes de anoitecer o dia, sentenciarei tranquilo meu destino final:
Vou te roubar pra mim e fazer meu próprio carnaval.

Sou um goiano vivem em Campinas - SP. Estudo violão popular na UNICAMP e sou aluno do Conservatório de Tatuí. Tenho uma grande paixão pela escrita e pela canção. Convidado-os a conhecerem meu livro de poesia publicado pela editora Folheando: Muda Canção.

Gabriel Vera Machado

I.

Meu precioso manto de águas azuis, sou eu que existo sob teu sal sagrado? ou
de mim só
deixas passar a sombra?

É teu movimento que afoga meu ar em borbolhas? ou é teu silêncio que me
obriga a explodir
em balbúrdia?

Meu suntuoso pesadelo noturno, me diz o porquê de tanto desejo?
A ti temo como temo a vida, em ti descanso como irei na morte;
em ti sonambulo delicado, existo mergulhado.

Sou teu como sou do ventre de minha mãe, das barbatanas salgadas do
primeiro peixe que
pesquei, da memória doída do meu primeiro afogamento.

Sou teu como os vermes são do alimento, escapando de ser um manequim;
Sou teu como sou da solidão que mora em mim.

Sou um goiano vivem em Campinas - SP. Estudo
violão popular na UNICAMP e sou aluno do
Conservatório de Tatuí. Tenho uma grande
paixão pela escrita e pela canção. Convidado a
conhecerem meu livro de poesia publicado pela
editora Folheando: Muda Canção.

maré forte

maré forte

amor forte

amor manso

as ondas quebram

meus pensamentos incertos

maré forte

mansa

quão profunda?

navego na beira

não vou

não venho

- uma âncora

é água no mar

é maré cheia

mareia

mar areia

eu você

Marisqueiras

na pele as marcas do sol e do sal

nas mãos grossas finos cortes

das cascas dos mariscos

quem já viu essas mulheres

nunca mais as esquecem

elas nascem dos lugares

onde as ondas batem com força

nas marés de sizígia

de facão e cavadeira em mãos

saem em bandos

as mulheres que brigam com as rochas

com força artesanal

na guerra diária contra a fome

os cachos de sururu das pedras

arrancados e temperados

só com o sal do mar

cozidos à beira mar

a fumaça dos caldeirões

o cheiro dos mexilhões

das mulheres da minha infância

Cassiano Figueiredo nasceu em São Gonçalo, município do Rio de Janeiro. É colunista da Revista Ruído Manifesto e faz parte da equipe de poetas do portal Fazia Poesia. "Versos tecidos com fios d'água" (2024), pela Emó Editora, é seu livro de estreia na poesia.

Adriane do Espírito Santo Rangel
Poeta responsável pelo projeto de intercâmbio cultural "Vozes Femininas na Poesia" e primeira mulher brasileira a escrever um livro bilíngue (português brasileiro-turco) de poesias autorais.

REVISTA ESCRITO &
DESCRITO

Editorial No. 3, Vol. 2

L i n g u a g e s e a r t e s v i s u a i s
